

## AMOR DE VERÃO. NOTAS URGENTES SOBRE A ASSEMBLEIA ANTIFASCISTA ANTIRRACISTA LGBTQIAPN+<sup>1</sup>

Ana Longoni<sup>2</sup>

Tradução:  
Fernanda Grigolin<sup>3</sup>  
Priscila Miraz<sup>4</sup>

Ilustração:  
Juleeika<sup>5</sup>

**Resumo:** Não espero (nem posso) ocupar o gesto pomposo de propor uma abordagem teórica sobre formas incipientes e frágeis de resistência. Em meio às abruptas reconfigurações do mundo conhecido, evidenciadas no atual ciclo histórico com avanços eleitorais da ultra-direita e pelo crescente estado de guerra e genocídio ao nível global; diante de um mundo no qual as palavras e as formas de ação política que vínhamos usando historicamente para imaginar possibilidades emancipatórias parecem arrebatadas, apropriadas, esvaziadas ou desacreditadas, prefiro ensaiar um exercício pessoal circunscrito de escrita que dê conta dos fatos e também dos debates que nos

---

<sup>1</sup> O texto original foi publicado em espanhol na Revista Arbor:  
<https://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/3065/4242>

<sup>2</sup> Ana Longoni é escritora, investigadora do CONICET e professora na Universidade de Buenos Aires (UBA). É ativista transfeminista e integra o Comité Revolución Imaginaria (CRI) e a coluna mostri. Pesquisa as interseções entre arte e política na Argentina e na América Latina desde meados do século XX até os dias de hoje. Argentina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4117-3373> e-mail: [analongoni@gmail.com](mailto:analongoni@gmail.com)

<sup>3</sup> Artista, pesquisadora e tradutora, São Paulo, Brasil. Doutora em Artes Visuais pela Unicamp com estágio no Instituto de Estética da UNAM-México. Foi pesquisadora de pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ. Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH- USP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8106239996516403>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4305-6912>; [fernandagrigin@usp.br](mailto:fernandagrigin@usp.br)

<sup>4</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis. Salvador, Brasil. Professora adjunta de História da Arte do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da mesma universidade (CECULT – UFRB). ORCID: 0009-0000-7179-6657. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/6851158370893499>. [priscilamiraz7@gmail.com](mailto:priscilamiraz7@gmail.com)

<sup>5</sup> Professora de Artes Visuais, Instituto Superior de Formação Artística Lola Mora, Juleeika, pseudônimo de Julieta Iovaldi Curutchet, é uma ilustradora e educadora argentina cuja prática se situa no campo da arte e cultura visual latino-americana. Faz parte da campanha gráfica *Vivas Nos Queremos Argentina*, engajando-se em debates atuais na região. Apoiia processos de formação artística, promovendo a autonomia criativa, o pensamento conceitual e o desenvolvimento de linguagens artísticas individuais. Oferece experiências criativas como parte da oficina itinerante e cocriativa Puro Mixterio. Atualmente cursa o bacharelado em Artes na Universidade Nacional de San Martín. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5666-1436>; [juleeikavijaja@gmail.com](mailto:juleeikavijaja@gmail.com); Buenos Aires, Argentina.

atravessam e que, espero, alimente um potencial diário de bordo coletivo. Proponho compartilhar aqui a trajetória vertiginosa de uma experiência política que irrompeu na Argentina nos primeiros meses de 2025 de forma inesperada e desafiadora, fora das lógicas e organizações conhecidas (sindicatos, partidos políticos, federações da comunidade LGBTQIAPN+) e que se expressou de forma indubitável na manifestação multitudinária de 1º de fevereiro em Buenos Aires e em centenas de cidades e vilas da Argentina e outras cidades do mundo, estimando-se um total de dois milhões de pessoas mobilizadas naquele dia. Compartilho uma série de notas escritas na primeira pessoa do singular, como participante e testemunha direta desse processo, em diálogo polifônico com depoimentos e análises escritas por outras pessoas envolvidas. Aspiro a dar conta das coordenadas de sua vertiginosa gestação, do caráter de evento público que alcançou, e também dos limites e conflitos que estão causando estragos logo após essa experiência excepcional. Esta crônica pessoal é escrita em meio à urgência, sem distância nem calma. Estamos atordoades e feridos pela magnitude e virulência dos ataques que estamos recebendo. Mas, ao mesmo tempo, em meio a este tempo atroz, apesar de tudo, não deixamos de inventar coletivamente maneiras de enfrentar tamanha escalada de ódio e sustentar a possibilidade de vidas dissidentes.

**Palavras-chave:** antifascismo; ativismo LGBTQIAPN+; imaginação política.

### **SUMMER LOVE. URGENT NOTES ON THE ANTIFASCIST ASSEMBLY ANTIRACIST LGBTQIAPN+**

**Abstract:** Amidst the abrupt reconfigurations of the known world evident in the current historical cycle, marked by the electoral advances of the far right and the growing state of war and genocide on a global level, faced with a world in which the words and forms of political action we have historically used to imagine emancipatory possibilities appear snatched, appropriated, emptied, or denigrated, I do not expect (nor can I) undertake the pompous gesture of proposing a theoretical approach to nascent, fragile forms of resistance. But perhaps I would prefer to attempt a limited personal writing exercise that accounts for the facts and also the debates in which we are immersed, which hopefully will fuel a potential collective journal. I propose to share here the dizzying journey of a political experience that erupted in Argentina in the early months of 2025 in an unexpected and challenging way, outside of known logic and organizations (unions, political parties, federations of the LGBTQ+ community). It was clearly expressed in the massive February 1st demonstration (1F) in Buenos Aires and in many towns and cities in Argentina and around the world, with an estimated total mobilization of two million people that day. I share a series of notes written in the first-person singular as a direct participant and witness of this process, in a polyphonic dialogue with testimonies and analyses written by other people involved. I aspire to capture the coordinates of its dizzying development, the character of a public event it achieved, and also the limits and conflicts that are soon taking their toll on this exceptional experience. This personal chronicle feels written in the midst of urgency, without distance or calm. We are stunned and devastated by the magnitude and virulence of the attacks we are receiving. But at the same time, in the midst of this atrocious time, despite everything, we continue to collectively invent ways to confront such an escalation of hatred and sustain the possibility of dissident lives.

**Keywords:** antifascism; LGBTQ+ activism; political imagination.

### **AMOR DE VERANO. NOTAS URGENTES SOBRE LA ASAMBLEA ANTIFASCISTA ANTIRRACISTA LGTBINBQ+**

**Resumen:** En medio de las abruptas reconfiguraciones del mundo conocido que se evidencian en el actual ciclo histórico, signado por los avances electorales de la ultraderecha y el creciente estado de guerra y genocidio a nivel global, ante un mundo en el que las palabras y la formas de la acción política que veníamos usando históricamente para imaginar posibilidades emancipatorias aparecen

arrebatadas, apropiadas, vaciadas o denigradas, no espero (ni puedo) ocupar el gesto ampuloso de proponer un abordaje teórico sobre incipientes, frágiles formas de resistencia pero sí quizá prefiera ensayar un acotado ejercicio personal de escritura que dé cuenta de los hechos y también de los debates que nos atraviesan y ojalá alimente una potencial bitácora colectiva. Me propongo compartir aquí el trayecto vertiginoso de una experiencia política que irrumpió en la Argentina en los primeros meses de 2025 de manera inesperada y desafiante, por fuera de las lógicas y las organizaciones conocidas (sindicatos, partidos políticos, federaciones de la comunidad LGTBINBQ+) y que se expresó de manera patente en la multitudinaria manifestación del 1o de febrero (1F) en Buenos Aires y en cientos de ciudades y pueblos de Argentina y otras ciudades del mundo, estimándose en total la movilización de dos millones de personas aquel día. Comparto una serie de apuntes escritos en primera persona del singular en tanto partícipe testigo directa de este proceso, en diálogo polifónico con testimonios y análisis escritos por otras personas implicadas. Aspiro a dar cuenta de las coordenadas de su vertiginosa gestación, el carácter de acontecimiento público que alcanzó, y también los límites y conflictos que están haciendo mella muy pronto de esta excepcional experiencia. Esta crónica personal se sabe escrita en medio de la urgencia, sin distancia ni calma. Estamos anonadados y dañados por la magnitud y la virulencia de los ataques que estamos recibiendo. Pero a la vez, en medio de este tiempo atroz, a pesar de todo, no dejamos de inventar colectivamente modos de confrontar ante tamaña escalada de odio y sostener la posibilidad de vidas disidentes.

**Palabras clave:** antifascismo; activismo LGTBINBQ+; imaginación política.

*¿Otra vez contra nosotres? El Presidente Milei propuso exterminarnos. Su amenaza de extirparnos como un cáncer aturde, desorienta. Pero, para nosotres, la irrupción del desconcierto no es nueva. Podemos decir, de hecho, que es una condición histórica de nuestra protesta. Un modo particular en el que los arrebatos de nuestra propia creatividad nos sorprenden, pulsando lúdicamente por la vida allí donde se nos sentencia a muerte. Ocupando el duelo de una forma alegre, haciendo de la protesta una oposición festiva, de la movilización un rito de éxtasis en el que disfrutamos haciendo política, promoviendo la diferencia como narrativa, como diseminación, como descontrol ante lo único, lo mismo, lo homologable<sup>6</sup>*

(Cuello e Lang, 2025).

---

<sup>6</sup> N.O. (Nota das organizadoras): Decidimos manter a epígrafe em espanhol para dar o tom do texto, principalmente no que se refere à marcação de gênero (nosotres), que para nós, em português, não existe. Tradução da epígrafe: “Outra vez contra nós? O presidente Milei propôs exterminar-nos. A ameaça de nos extirpar como um câncer atordoia, desorienta. Contudo, para nós, a irrupção da confusão não é nova. Podemos dizer, de fato, sendo uma condição histórica do nosso protesto. Uma maneira particular no qual os surtos de nossa própria criatividade nos surpreendem, pulsando ludicamente pela vida ali onde somos condenados à morte. Ao ocupar o luto de forma alegre, transformando o protesto em uma oposição festiva, a mobilização em um ritual de êxtase no qual disfrutamos fazer política, promovendo a diferença como narrativa, como disseminação, como descontrolo diante do único, do mesmo, do homologável”, tradução nossa (Cuello e Lang, 2025).



“Queremos vidas com outras pessoas<sup>8</sup>, desejos, gozo, sonhos frenéticos”<sup>9</sup>, havia afirmado tempo antes o chamado para a primeira REA (*Ronda de Escucha y Agite/Rodada de Escuta e Agitação*)<sup>10</sup> em um domingo de julho de 2023 no *Parque Centenario* (localizado em outro bairro de Buenos Aires). Em 1.º de agosto de 2023, dia da Pachamama, acolhemos no Obelisco<sup>11</sup> o movimento indígena reunido no *Tercer Malón de la Paz*<sup>12</sup> com uma bandeira pintada à mão que dizia *Jujuy Arde* – em alusão a *Tucumán Arde*<sup>13</sup>, a conhecida ação artística-política coletiva que denunciou a ditadura de Onganía em 1968<sup>14</sup> e lançou uma campanha de contrainformação que confrontou a falsidade das informações oficiais sobre a crise que assolava a província do norte argentino (Longoni e Mestman, 2000). No mesmo lugar que essa bandeira, um pequeno cartaz com os dizeres *Revolución Subterránea Onírica* (Revolução Subterrânea Onírica) despertou reações de escárnio e perplexidade na imprensa, que chegou a se perguntar ironicamente se estava diante do “surgimento de um novo ator político”<sup>15</sup>. E sim, talvez, sim, respondo. Na última e populosa marcha de 24 de março de 2024<sup>16</sup> pelo aniversário do golpe de Estado de 1976, a primeira em muitos anos em que se conseguiu a unidade dos movimentos de direitos humanos que costumam marchar divididos, alguém levou um cartaz feito à mão que afirmava “Os sonhos continuam sendo nossos”. Há algo da ordem onírica está se jogando: o sonho como fuga; o sonho como invenção; o sonho como sinal; o sonho como insistência; o sonho como testemunho (Rousseaux, 2024). Talvez em 25 de janeiro de 2025 tenha começado nosso sonho frenético, um misto de desejos, gozo e delírios em meio a um pântano seco, aliviando uma longa temporada de insônia?

---

<sup>8</sup> N.T. (Nota das tradutoras): O texto fonte usa o “x” como marcador de gênero plural, contudo, no Brasil não há um consenso para isso. Por isso, há tradutoras que preferem fazer outros tipos de escolhas, como o uso de “gente” ou “pessoas”. Logo, a escolha de traduzir “otrxs” para “outras pessoas” é consciente.

<sup>9</sup> N.T: O texto de partida tem muitos saltos temporais em um mesmo parágrafo, aqui se dividiu para ter fluidez em português. O público brasileiro pode estar sendo informado pela primeira vez desses eventos. A organização dos parágrafos aqui auxilia a separar o acúmulo de novas informações.

<sup>10</sup> N.A (Nota da autora): A *Ronda de Escucha y Agite* (REA) se relaciona ao movimento Teatro Abierto, fundamental durante a última ditadura argentina como espaço de articulação para vozes e expressões. O conceito foi retomado atualmente e ampliado como um espaço transfeminista.

<sup>11</sup> N.O: O Obelisco de Buenos Aires está estrategicamente localizado no cruzamento da Avenida 9 de Julio com a Avenida Corrientes, sendo o monumento emblemático da cidade, ponto de convergência para celebrações e manifestações públicas.

<sup>12</sup> N.T: O *Tercer Malón de la Paz* foi uma mobilização dos povos indígenas do estado de Jujuy (norte da Argentina) pelos direitos humanos em 2023. Surgiu em resposta à reforma constitucional da província de Jujuy, impulsionada pelo governador Gerardo Morales, que as comunidades consideram violar seus direitos territoriais e o acesso a recursos naturais, como a água. Mais adiante no texto, a autora faz uma nota sobre outros *malóns*. *Malón* é uma palavra com significado forte e ancestral na Argentina e no Chile, palavra de origem Mapuche, que tem forte significado ancestral e simboliza uma irrupção indígena na Argentina e no Chile. Cf. LA RETAGUARDIA. Malones de la Paz: muchos reclamos, pocas conquistas. *La Retaguardia*, Buenos Aires, 21 set. 2023. Disponível em:

<https://laretaguardia.com.ar/2023/09/malones-de-la-paz-muchos-reclamos-pocas-conquistas.html>. Acesso em: 31 jan. 2026.

<sup>13</sup> N.T: *Tucumán Arde* foi um evento organizado em 1968 por artistas argentinos nas cidades de Rosário e Buenos Aires. Em Rosário durou uma semana e em Buenos Aires foi fechada no mesmo dia de sua inauguração. Tratava-se de uma exposição bienal que reunia documentos e imagens produzidos na província de Tucumán, onde a pobreza era crescente, além de trabalhos de cunho político e contestatório ao regime ditatorial e ao neoliberalismo. *Tucumán Arde* é considerado um dos eventos mais importantes da arte argentina. Cf. QUINTELLA, Pollyana. Arte argentina na ditadura. *Revista USINA*, 23 mar. 2015. Disponível em:

<https://revistausina.com/2015/03/23/tucuman-arde-arte-argentina-na-ditadura/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

<sup>14</sup> N.O: Ditadura de Onganía (1966-1970). Em 1966, decretou o fechamento dos engenhos açucareiros em Tucumán (“Operativo Tucumán”), causando desemprego em massa e miséria. Esta política socioeconômica foi o catalisador direto para a ação artístico-política do “Tucumán Arde” em 1968. Cf. SCHVARZMAN, Sheila. *Tucumán arde: a vanguarda artística argentina nos anos 60*. São Paulo: Edusp, 2017.

<sup>15</sup> N.A: São palavras do jornalista Ernesto Tenenbaum em seu programa ¿Y ahora quién podrá ayudarnos? (E agora quem poderá nos ajudar?), transmitido pela Radio con vos, em 21 de julho de 2023.

<sup>16</sup> N.T: No texto fonte a autora não menciona o ano, mas optamos por apresentar sempre o ano dos eventos diretamente no texto para facilitar a compreensão dos acontecimentos narrados.

Já faz muitos anos, décadas mesmo, venho atuando em diferentes espaços, mas nunca havia participado de uma assembleia tão massiva como a de 25 de janeiro de 2025. Ninguém, nem mesmo nós que a convocamos, esperava aquela aglomeração<sup>17</sup> de cinco mil pessoas que se reuniu no anfiteatro do Parque Lezama e deliberou durante horas, em pleno verão, em um mês em que a cidade fica vazia e letárgica devido ao calor. O governo também não previa essa resposta imediata e contundente: “Nós não imaginávamos, é verdade, mas eles também não previram” (Cuello e Lang, 2025).

A assembleia não foi convocada por nenhuma das federações históricas que reúnem a comunidade LGBTQIAPN+ nem por um partido político ou sindicato, embora muitas pessoas com diversas histórias ou filiações militantes estivessem presentes. Ela foi convocada por um pequeno núcleo – neste texto, traçarei sua trajetória – e se propagou rapidamente.

Dois membros da Coluna Mostri<sup>18</sup>, um homem trans, Ese Negro Montenegro<sup>19</sup>, e uma ativista transfeminista antipunitiva, Alejandra Rodríguez, se encorajaram a coordenar a imensa assembleia com um microfone alimentado por um gerador elétrico que alugamos por meio de uma vaquinha e cujo alcance era claramente insuficiente. Após uma longa lista de oradores e infinitas propostas (algumas deliciosamente delirantes, como mobilizar-se em direção ao cemitério de Chacarita<sup>20</sup>), chegou-se a um consenso para convocar uma marcha do *Congreso a la Plaza de Mayo* (Congresso à Praça de Maio)<sup>21</sup> apenas uma semana depois, no sábado, 1º de fevereiro de 2025. Como apontam Nicolás Cuello<sup>22</sup> e Silvio Lang<sup>23</sup>, que também integram a assembleia e a Coluna Mostri, há na decisão desse trajeto uma inversão desobediente do curso das *Marchas del Orgullo Antifascista Antirracista LGTBINBQ+*. (Marchas do Orgulho LGBTQIAPN+): “desta vez decidimos marchar na contramão<sup>24</sup>, do Congresso a la Plaza de Mayo (Congresso até a Praça de Maio), invertendo o sentido histórico que traça as mobilizações do nosso orgulho desde 1992, no sentido contrário, como uma forma de seguir essa intuição compartilhada pela febre multitudinária de fazer algo diferente” (Cuello e Lang, 2025). Marchar na contramão é também a invocação de uma memória festiva da comunidade homossexual, porque *Contramano* (Contramão) era o nome da discoteca gay mais famosa dos anos 80, parte de uma trama de sociabilidade alternativa e dissidente

<sup>17</sup> N.T: A autora usa aqui *muchedumbre*, sendo uma multidão, intenção que traduzimos para aglomeração. Outra palavra em espanhol para *muchedumbre* é *gentío*.

<sup>18</sup> N.T: Mostri de monstro, optou por deixar o nome original Mostri a se referir ao movimento de reapropriação da palavra e sua ressignificação, ao trazer uma carga cultural argentina ao se referir às pessoas não heterossexuais, não normativas.

<sup>19</sup> N.T: Ativista transmasculino, militante pelos direitos humanos e transfeminista.

<sup>20</sup> N.O: O cemitério de Chacarita abriga uma história arquitetônica potente. Desenhado por uma mulher, Ítala Fulvia Villa, uma das primeiras arquitetas argentinas, a partir de 1949, seu Sexto Panteón, um cemitério subterrâneo, foi o primeiro e maior experimento de arquitetura moderna no âmbito funerário na Argentina e no mundo. Cf. NA MER, Léa. Clássicos de Arquitectura: Sexto Panteón de Chacarita. ArchDaily em Español, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.cl/cl/1010396/clasicos-de-arquitectura-sexto-panteon-de-chacarita>. Acesso em: 18 fev. 2026.

<sup>21</sup> N.T: Optamos por manter nomes de lugares, movimentos e palavras de ordem em espanhol com tradução em português entre parênteses em todo o texto. O objetivo é aproximar quem lê do contexto portenho e argentino.

<sup>22</sup> N.T: Professor de História da Arte pela Universidade Nacional de La Plata. É membro consultor do Programa de Memórias Políticas Feministas e Sexogênicas do CeDInCI/Unsam e integra o Arquivo de Culturas Subterrâneas.

<sup>23</sup> N.T: Artista argentino. Dedicou-se à direção cênica, ao ativismo *queer*, ao ensino artístico e à pesquisa em práticas e teorias performáticas.

<sup>24</sup> N.O: O trajeto da Praça de Maio ao Congresso Nacional é o corredor de protestos mais tradicional e simbólico da Argentina. A Praça de Maio é o epicentro histórico da demanda e da mobilização social, localizado frente à Casa Rosada (sede do Poder Executivo), onde até hoje acontece, por exemplo, a Marcha das Mães de Maio, todas as quintas-feiras. Já o Congresso (sede do Poder Legislativo) é a representação da disputa pela lei. Marchar entre estes dois polos de poder constitui um rito político que materializa a pressão cidadã direta do povo sobre suas instituições de governo, uma prática documentada desde, pelo menos, as primeiras manifestações sindicais e peronistas do século XX e que se mantém vigente na história contemporânea da Argentina. Por isso, a decisão de marchar ao contrário tem relevância para o ato em questão. Cf. CASTRO, Ana; MELLO, Joana. cultura urbana sob novas perspectivas. Entrevista com Adrián Gorelik. In: NOVOS ESTUDOS, CEBRAP nº 84, JULHO 2009, p. 235-249. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/nec/a/TpVj6MNNZB88s5tGDpmpmJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 30 de jan. de 2026.

visibilizada na transição entre a ditadura e a pós-ditadura, quando surgiram movimentos como a Comunidade Homossexual Argentina (CHA)<sup>25</sup>, que enfrentaram a violência e a perseguição que significava diariamente a aplicação dos decretos policiais (como a proibição de vestir roupas do outro sexo ou dançar com pessoas do mesmo sexo).

A expressão<sup>26</sup> “entre o terror e a festa” mostra como, naqueles anos, coexistiram em tensão duas dimensões contraditórias: a repressão devastadora e a resistência indisciplinada, festiva e lúdica (RedCSur, 2012). Como reverberação desse legado, ressurge hoje uma invocação à festa e aos corpos grudados e se tocando, ao desejo e à alegria como componentes fundamentais da revolta política.

A proposta de incluir o antirracismo na convocatória também foi aplaudida na Assembleia de 25 de janeiro de 2025, que passou a ser nomeada desde então como Marcha do Orgulho Antifascista Antirracista LGBTQIAPN+. Ao colocar em primeiro plano, em uma assembleia convocada por dissidências sexuais, a demanda específica das comunidades afrodescendentes e indígenas – historicamente silenciadas e negadas –, visibilizando a herança colonial do heterocapitalismo contemporâneo exacerbado em seu devir fascista, articulou-se uma primeira aliança impensável. A noção de “aliança impensável” foi cunhada pela Rede Feminista Anticarcerária de América Latina<sup>27</sup> para definir, no ativismo nas prisões, essas tramas inesperadas entre sujeitos díspares com trajetórias diversas que parecem não se cruzar e que, no entanto, compõem redes de colaboração mútua na recomposição social e territorial de longo prazo. Esperamos que essa articulação inovadora entre o movimento LGBTQIAPN+ e o antirracismo se mantenha ao longo do tempo e modifique perspectivas e agendas. Porque, como bem se diz no antirracismo: *não basta não ser racista, é preciso ser antirracista*<sup>28</sup>.

## Mover

A história da multidão reunida para deliberar em uma praça começou apenas dois dias antes, na quinta-feira, 23 de janeiro de 2025, quando Milei proferiu seu discurso de ódio em um Fórum Econômico Mundial em Davos, equiparando homossexualidade a pedofilia e ameaçando perseguir os “esquerdistas de merda” até os confins da terra. Diante de tamanha crueldade, a reação começou a se formar e era notória a urgência. Foi marcada uma reunião na *Glorieta do Parque Lezama* naquela mesma noite, por meio do boca a boca (uma amiga avisa outra amiga, que convida outras mais). Éramos cerca de oitenta, no máximo cem pessoas, a maioria se conhecia, éramos membros da Coluna Mostri, que nos reuníamos para marchar durante todo o primeiro ano do governo de Milei e também compartilhávamos vidas, projetos, amores, festas, ruas.

Você pode estar se perguntando: *O que é a Coluna Mostri?* Até agora, não conseguimos chegar a uma autodefinição com contornos claros, e essa condição evasiva faz parte da incerteza que nos caracteriza. Fomos definidos como “uma experiência de rua” (Murillo, 2025) ou como “uma articulação de coletivos LGBTQIAPN+, mas também de pessoas em situação de rua, com

---

<sup>25</sup> N.O: A *Comunidad Homosexual Argentina* (CHA) é a organização LGBTQIAPN+ mais antiga da Argentina, fundada em 1984 por Carlos Jáuregui, um marco fundamental na luta por direitos civis e visibilidade naquele país. No Brasil, o grupo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual começou em 1978. Cf. TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

<sup>26</sup> N.T: Há uma tendência dos textos em espanhol no Cone Sul de parágrafos longos, algo que a autora pratica. Contudo, há momentos em que decidimos retornar para dar fluidez.

<sup>27</sup> N.O: Rede Feminista Anticarcerária da América Latina é uma articulação de coletivos, organizações e ativistas feministas que atuam no enfrentamento ao sistema prisional e na defesa dos direitos de mulheres presas e criminalizadas na região. Criada em 2019, a rede tem relação com os grupos e coletivos feministas que constroem os Encontros Feministas Latino-americanos desde os anos 1980.

<sup>28</sup> N.O: A frase remete a uma construção social e simbólica do movimento negro afrodiáspórico que se relaciona com discursos como os de Lelia González (Brasil) e Angela Davis (EUA).

deficiência, que passaram pela prisão, racializadas e outras”<sup>29</sup> ou, mais amplamente, como “um espaço de contenção de rua criado entre ativistas e artistas que vêm de lutas transfeministas, antipunitivas, *cuir*, *marronas*, *sidosas*, *discas* y *locas* (*queer*, pessoas racializadas, pessoas que vivem com HIV, DEF, e loucas<sup>30</sup>) (Cuello e Lang, 2025).

A Coluna Mostri nasceu em fevereiro de 2024, à margem das assembleias preparatórias para o 8M. Ela pratica uma forma inorgânica de ocupar a rua, na qual confluem muitos pequenos grupos do ativismo transfeminista e LGBTQIAPN+, tais como a Frente Docente Dissidente<sup>31</sup>, o coletivo abolicionista penal *YoNoFui*<sup>32</sup>, o coletivo *No Tan Distintas*<sup>33</sup> (integrado por mulheres e dissidentes em situação de rua), *Futbol Disidente*<sup>34</sup>, a assembleia Disca-Loka<sup>35</sup>, CRI - *Comité Revolución Imaginaria* (Comitê Revolução Imaginária)<sup>36</sup> – da qual faço parte –, bem como iniciativas artísticas como a *Carpa Rosa* (Tenda Rosa)<sup>37</sup> e Serigrafistas Queer<sup>38</sup> e, acima de tudo, muitas pessoas isoladas que se sentiram convocadas, mas também protegidas, em um momento em que a repressão estatal aos protestos sociais vem crescendo sistematicamente. Nas diferentes marchas, costumamos nos encontrar em uma esquina – no cruzamento da (avenida) San José ou, às vezes, da (avenida) Saenz Peña com a Avenida de Mayo<sup>39</sup> –, e lá agitamos, inventamos lemas malucos, cantamos e dançamos

---

<sup>29</sup> N.A: In: DILLON, Marta (2025, 2 de fevereiro). Milei prometeu tremores, mas o chão se moveu sob seus pés. Buenos Aires: El destape web. Disponível em:

<https://www.eldestapeweb.com/sociedad/marcha-antifascista/milei-prometio-temblores-pero-el-piso-se-le-movio-a-el-2-02522050>. Acesso: 30 jan. 2026

<sup>30</sup> N.T: *cuir*, *marronas*, *sidosas*, *discas* y *locas* são termos que trazem muitas questões sobre a sexualidade e a vivência contemporânea em contextos distintos. A comunidade *queer* latino-americana costuma trazer o termo como *cuir*, como se fala em espanhol. *Queer* é uma construção política e muitas pessoas que não se enquadram no padrão normativo se consideram como. *Marronas* são pessoas racializadas que discutem ser marrom como um lugar de identidade no contexto argentino. *Sidosas* é uma forma ativista de se autoproclamar que vive com SIDA (AIDS, termo usual dos anos 1980, 1990 dos viventes com HIV). *Discas* vem de descapacitados, que em português se usa deficiente, no Brasil o diminutivo mais usual é DEF. No caso do uso da palavra “loca”, seu sentido não está relacionado aqui às questões de saúde mental, mas como indicação de transgressão. Cf. SER PERSONA CON DISCA: la discriminación laboral no es un relato del pasado. La tinta, Córdoba, 20 out. 2020. Disponível em: <https://latinta.com.ar/2020/10/20/activismo-disca-discriminacion-laboral/>. Acesso em: 07 fev. 2026.

<sup>31</sup> N.T: Frente Docente Dissidente é uma organização que reúne professores e educadores da Cidade Autónoma de Buenos Aires, focando na inclusão sexual e na diversidade nos espaços educacionais.

<sup>32</sup> N.T: Coletivo antipunitivo, transfeminista e abolicionista penal composto por pessoas LGBTQIAPN+ e mulheres CIS, com mais de 20 anos de atuação. Criaram a Escola de Formação em Artes, Ofícios e Comunicação, com oficinas dentro e fora das unidades penais; uma Cooperativa de Trabalho com diferentes unidades produtivas; uma Editora autogerida e nosso Centro de Estética e Cuidados Coletivos. Cf. Quiénes somos. Yonofui. Disponível em: <https://yonofui.org.ar/quienes-somos-2/>. Acesso: 30 jan. 2026.

<sup>33</sup> N.T: No Tan Distintas é uma organização social, política e transfeminista formada em 2011 por pessoas que estão ou estiveram em situação de rua.. Cf. No Tan Distintas - Mujeres y LGBT+ en situación de vulnerabilidad social. Disponível em: <https://www.notandistintas.org/>. Acesso: 31 jan. 2026.

<sup>34</sup> N.T: Movimento e coletivos (como o "Disidentes Fútbol Club") focados em criar espaços inclusivos, seguros e diversos no futebol, rompendo com a cultura machista, cis-heteronormativa e excludente historicamente associada a este esporte.

<sup>35</sup> N.A: A assembleia disca-loka é um dos coletivos ativistas anticapacitistas que compõem a assembleia *discas en lucha* (DEF em luta).

<sup>36</sup> N.T: CRI (Comité Revolución Imaginaria) é um coletivo ativista transfeminista que surgiu em 2022 e integra a Coluna Mostri. Mais adiante no texto, a autora contará o surgimento do nome e a importância histórica do termo.

<sup>37</sup> N.A: Carpa Rosa (Tenda Rosa) foi uma iniciativa ativista de um grupo de artistas e ativistas LGBTQIAPN+ cujo intuito era ocupar a rua em manifestações. Sempre marcavam encontros em uma esquina sob ou perto de um toldo rosa.

<sup>38</sup> N.T: Serigrafistas Queer é um coletivo artístico e ativista argentino, surgido em 2007, que usa serigrafia para criar obras com forte conteúdo político e social, abordando temas de gênero, sexualidade, feminismo e direitos LGBTQIAPN+

<sup>39</sup> NT: Os cruzamentos mencionados – San José com Avenida de Mayo e Sáenz Peña com Avenida de Mayo – localizam-se no microcentro da Cidade Autónoma de Buenos Aires, Argentina, e são pontos geográficos e históricos relevantes. Avenida de Mayo, inaugurada em 1894, conecta a Casa Rosada com o Congresso Nacional; Sáenz Peña é uma rua curta de apenas duas quadras, que cruza a Avenida de Mayo quase em seu ponto médio; San José é uma rua paralela a Sáenz Peña, está localizada uma quadra a oeste, mais próxima do Congresso Nacional. Ao cruzar a Avenida

ao som da corda de tamboras<sup>40</sup>, mas também conversamos e, com sorte, também há oportunidade de flertar e nos apaixonar (Assembleia e Paquera é um bordão que ainda precisamos transformar em bandeira). Às vezes, a Coluna Mostri enchia quarteirões inteiros, mas também se mantinha com insistência em marchas onde éramos apenas um punhado de pessoas<sup>41</sup>.

Bem, na noite de 23 de janeiro éramos muito mais do que cinco *mostris*, e deliberamos até muito tarde, enquanto ao lado esperava com paciência e curiosidade uma família que vive na rua e costuma pernoitar na *glorieta*, uma pérgula circular com teto e sem paredes, onde se abrigam à noite com seus colchões e esteiras.

Do medo transformado em força coletiva nasceu o acordo de convocar uma assembleia antifascista dois dias depois no mesmo parque. Também surgiram dois lemas: *La vida está en riesgo, ¡basta!* (A vida está em risco, basta!) que vínhamos defendendo desde a Coluna Mostri, desde o início do governo de Milei, e *Al closet no volvemos nunca más* (Nunca mais voltaremos para o armário). O último foi criado naquela noite<sup>42</sup>, articulando uma resposta orgulhosa à homofobia com um termo histórico das lutas do movimento pelos direitos humanos cunhado na pós-ditadura argentina.

No dia seguinte, começaram a circular nas redes sociais e em diversos fóruns inúmeros convites: muitos panfletos caseiros e manuscritos e outros com designs mais sofisticados. O chamado para a assembleia estava por toda parte, sentia-se no ar, multiplicava-se, propagava-se. Algo imparável havia sido posto em marcha: o poder do coletivo.

## Habitar

Em 2022, pouco tempo após eu voltar a morar em Buenos Aires (estive alguns anos trabalhando em Madri), comecei a colaborar com a experiência da Casa Cultural Pringles ATR *Autonomia Territorial Reparadora* (Autonomia Territorial de Reparação)<sup>43</sup>. Uma casa no bairro de Almagro<sup>44</sup>, propriedade do governo da cidade de Buenos Aires, abandonada há três décadas, que foi pacificamente ocupada para fundar ali o lar de uma dezena de mulheres e dissidentes sexuais que haviam passado pela prisão, vivido nas ruas ou passado por outras situações de violência. Essa experiência foi impulsionada pelo coletivo *YoNoFui*, que há mais de vinte anos milita em prisões e compartilha desde ferramentas criativas, como oficinas de poesia ou fotografia, até cooperativas de trabalho têxtil e editorial e uma escola de formação política para quem sai da prisão. A Casa Cultural Pringles ATR se manteve durante um ano graças a uma série de alianças impensáveis (novamente) com o bairro e com artistas e intelectuais, disponibilizando um refeitório, aulas de reforço escolar, oficinas de escrita de fanzines, oficinas de autodefesa e uma exposição coletiva de arte contemporânea sobre o que significa habitar uma casa<sup>45</sup>.

---

de Mayo, está no setor final da avenida, ainda no centro histórico, mas já em uma área com uma forte transição para atividades comerciais e administrativas. Cf. [TURISMO.BUENOSAIRE.GOB.AR](https://turismo.buenosaires.gob.ar). Avenida de Mayo. Buenos Aires, 2013. Disponível em: <https://turismo.buenosaires.gob.ar/es/otros-establecimientos/avenida-de-mayo>. Acesso em: 31 jan. 2026.

<sup>40</sup> N.T: A autora usa *cuerdas de tamboras* feminilizando o tambor, instrumento de percussão. O termo se refere ao candombe. Candombe é cultura afro-uruguaia. A corda é o trio de tambores (piano, repique e chico) tocados com baqueta e mão. Num contexto brasileiro, corda se refere a instrumentos de corda e se chama corda de proteção, quando se projeta espaços de uma manifestação e/ou evento de carnaval.

<sup>41</sup> N. A.: “Se formos pelo menos cinco manifestantes, faremos um panfleto”, afirma sabiamente nosso companheiro Moyi Schwartzer, demonstrando um ato de responsabilidade ética e cuidado ao manter a ocupação da rua.

<sup>42</sup> N.T: no contexto brasileiro é um lema ou bordão usual.

<sup>43</sup> N.T: Casa Cultural Pringles ATR (Autonomia Territorial Reparadora: moradia coletiva autogestionada de reparação à violência patriarcal e cultural. Cf. DESINFORMEMONOS. Casa Pringles ATR. *La vida en común no se puede desalojar*. Desinformémonos, 2023. Disponível em: <https://desinformemonos.org/casa-pringles-atr-la-vida-en-comun-no-se-puede-desalojar/>. Acesso em: 31 jan. 2026.

<sup>44</sup> N.T: Centro/norte, entre Caballito ao sul e Recoleta ao norte.

<sup>45</sup> N.A: Na exposição (Nuestra) casa que curamos com Mariela Scafati, participou um grupo significativo de artistas visuais (Daniel Alva, Javier del Olmo, Lucas Di Pascuale, Tobías Dirty, Grupo de Arte Callejero, Magdalena Jitrik, Ana

Na Casa Pringles, foi lançado um apelo concreto para formar uma frente antifascista bem antes de Milei vencer as eleições. Esse termo soava um tanto anacrônico até pouco tempo atrás, mas ultimamente parece ter ganhado nova vida por sua capacidade de nos unir mesmo em meio às diferenças e despertar uma memória histórica que estava adormecida, sem nos atolar na discussão teórica sobre se é ou não correto caracterizar os atuais movimentos de extrema-direita como fascismo, neofascismo ou pós-fascismo<sup>46</sup>.

Como aponta Luis Ignacio García:

finalmente, a rua responde a uma pergunta que acompanha essa experiência desde antes de ele assumir o poder: podemos falar de fascismo para nos referirmos a essas novas ultradireitas? Sim, podemos. Não só podemos, como precisamos fazer isso [...] Simplesmente descrevemos práticas, evocamos uma memória de lutas e marcamos politicamente o inimigo<sup>47</sup>.

Durante várias sextas-feiras, nos reunimos na Casa Pringles para conversar e convergir – como dizia o convite – para um movimento antifascista contra a violência política e cultural. A proposta foi bem recebida, mas não se concretizou em nenhuma iniciativa permanente, ficando em latência.

Em meados de 2023, as moradoras (nove mulheres e dissidentes, com seus filhos e filhas) da Casa Pringles foram violentamente despejadas com seus pertences por uma operação gigantesca envolvendo duzentos policiais e funcionários do governo da cidade em uma fria manhã de inverno. Ali foi interrompida uma possibilidade de vida coletiva que visava provocar um desvio e mudar um destino pré-determinado. *¡A la calle y a la cárcel no volvemos nunca más!* (Nunca mais voltaremos para a rua e para a prisão!, cantam companheiros de YoNoFui). Um ano e meio depois, em dezembro de 2024, foi fundada a Casa Andrea, uma nova moradia coletiva impulsionada por YoNoFui com *No Tan Distintas* – dois coletivos irmãos e cúmplices. Entre seus habitantes está Sofia, a única sobrevivente do triplo homicídio de lésbicas em Barracas<sup>48</sup>, ocorrido em 5 de maio de 2024, quando um vizinho ateou fogo no quarto da pensão onde dormiam dois casais de lésbicas. Mais uma vez, inventar e sustentar uma casa como um gesto para combater a incitação ao ódio e à crueldade, o desejo de extermínio; enfrentar a difícil construção coletiva de uma vida em comum entre aqueles que estão mais quebrados, feridos e devastados no mundo.

Poucos dias após o despejo da Casa Pringles, nasceu o CRI: coletivo transfeminista cujo nome retoma o do desconhecido Comitê Coordenador da Imaginação Revolucionária, impulsionado em 1969 pelo artista e sociólogo Roberto Jacoby após o fim abrupto de *Tucumán Arde* (Jacoby, 1969; 2011)<sup>49</sup>.

Invocando essa experiência, o CRI irrompeu no meio da última disputa eleitoral com uma campanha imaginária que se propunha como uma ficção política com efeitos reais:

*¿Imaginás desear votar?* (Você imagina querer votar?); propagando um programa poético-político que incluía bordões tão disparatados como *derecho a comer con muchos colores* (direito de comer

---

López, Leo Ramos e Daiana Rose) e centenas de pessoas compareceram à inauguração-conversa. As obras reunidas propunham diferentes possibilidades e derivações a partir da pergunta: como inventamos, construímos e habitamos nossa casa?

<sup>46</sup> N.O: Recomendamos a leitura do livro antifascista de Luce Fabbri *Fascismo definição e história*, que traça o fascismo como uma força em busca de uma ideologia e sua modificação ao longo da história. Cf. FABBRI, Luce. *Fascismo: definição e história*. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1S2I3OhllOVKnL60\\_RBrd00yXBIK6uaxl/view](https://drive.google.com/file/d/1S2I3OhllOVKnL60_RBrd00yXBIK6uaxl/view). Acesso em: 31 jan. 2026.

<sup>47</sup> N.A: GARCÍA, Luis Ignacio. Guerra civil mental. Crônicas de la aceleración en el laboratorio argentino. Buenos Aires: Caja Negra, em prensa.

<sup>48</sup> N.T: O triplo homicídio de lésbicas no bairro de Barracas, em Buenos Aires, é investigado como um lesbicídio, resultando na morte de três mulheres e ferimentos em uma quarta.

<sup>49</sup> Com a assinatura do *Comité de Imaginación Revolucionaria* (Comitê de Imaginação Revolucionária), apareceu na antirrevista *Sobre* (1969) um manifesto por uma cultura subversiva e um balanço autocrítico de *Tucumán Arde*, apontando os limites da legalidade que supunha aliar-se à central operária e incitando a experimentar formas de ação política clandestinas (Longoni, 1995).

com muitas cores), *Lucha y siesta, Revuelta y fiesta o Un subte que llegue al mar* (Luta e sesta, Revolta e festa ou Um metrô que chegue ao mar). Logo, o CRI passou a promover uma série de assembleias que chamamos de REA<sup>50</sup> diante da possibilidade cada vez mais certa de que Milei se impusesse nas eleições presidenciais. A primeira REA foi no domingo, 27 de agosto de 2023, sob o lema *Conversación reistencia imaginación* (Conversa, re-existência, imaginação), perto do mastro do Parque Centenario. Reunimo-nos para deliberar na grama cerca de quatrocentas pessoas de todas as idades e diversas trajetórias biográficas e políticas.

As REA eram consideradas, mais do que uma assembleia, como uma reunião ou encontro transfeminista antirracista e antipunitivo daqueles que acreditam que é hora de se unir contra o fascismo. Muito longe da parafernália habitual das assembleias, envolvidas na lista de oradores e no controle do microfone, tão longas que chegamos à votação com as forças exauridas, as REA foram capazes de nos acolher, ouvir, conter e encorajar a propor em pequenas rodadas (onde entravam bicicletas, crianças e até cães), a compartilhar como nós nos sentíamos e o que podíamos fazer diante da perigosa conjuntura que se avizinhava.

Um ponto de inflexão nesse processo foi a chegada do *Tercer Malón de la Paz*<sup>51</sup>, uma delegação do movimento indígena e das populações camponesas da província de Jujuy, na fronteira com a Bolívia, denunciando que a exploração mineira do lítio contamina a água e restringe a possibilidade de vida humana e não humana em suas regiões, localizadas a mais de 2.000 quilômetros da capital do país. O Terceiro Malón, que chegou a Buenos Aires em agosto de 2023, permaneceu durante quatro longos meses vivendo ao ar livre, na Praça em frente ao Tribunal, diante de uma enorme indiferença e um crescente isolamento político, com a atenção pública desviada pela campanha eleitoral e ainda mais quando ocorreu a vitória libertária.

Desde a saudação entusiástica em quéchua<sup>52</sup>, “Jallala<sup>53</sup> malón!”, até a retirada solitária diante da ordem de despejo da polícia, um letargo com cheiro de derrota e impotência começou a nos assombrar. Mas não ficamos assim, nos abraçamos, nos sacudimos e nos animamos a continuar.

Como já relatei, ao longo de 2024, continuamos convocando a ocupação festiva, insolente e orgulhosa das ruas por meio da Coluna Mostri, proclamando-nos descaradamente como desmancha-prazeres dos neofascismos – assim nos anunciava uma de nossas primeiras bandeiras. Além de estarmos nas ruas, também concretizamos conversas em espaços alternativos em diferentes bairros da cidade, propelindo perguntas urgentes que buscavam gerar lugares eminentes para o debate político nas quais pudessem ter espaço as diferenças e as dissonâncias. O primeiro lugar eminente foi Reexistir/Revolucionar, uma conversa para insistir na política agora, com Javier Trímboli<sup>54</sup>, Ari Lutzker<sup>55</sup> e María Pía López<sup>56</sup> em uma Biblioteca Popular de Parque Chas<sup>57</sup>; a

---

<sup>50</sup> N.O: Ver nota 10.

<sup>51</sup> N.A: É chamado de *Tercer Malón de la Paz* por ser posterior a outras duas experiências: em 1946, durante o primeiro governo peronista, as comunidades indígenas marcharam a pé desde seus locais até a capital do país exigindo a devolução de suas terras, e em 2006, durante o governo de Néstor Kirchner, eles fizeram isso novamente com a mesma reivindicação histórica.

<sup>52</sup> N.O: Quéchua é uma etnia indígena e uma família linguística com uma série de variações em diferentes regiões andinas da Argentina (especialmente em Jujuy, Salta e Santiago del Estero), Bolívia, Peru, Chile, Colômbia, Equador. Foi a língua franca do Império Inca e é anterior a eles. Possui diversos dialetos regionais, mas são geralmente inteligíveis entre si.

<sup>53</sup> N.T: *Jallala* é uma palavra vibrante que não tem tradução, mas pode simbolizar um viva, glória, força comunal.

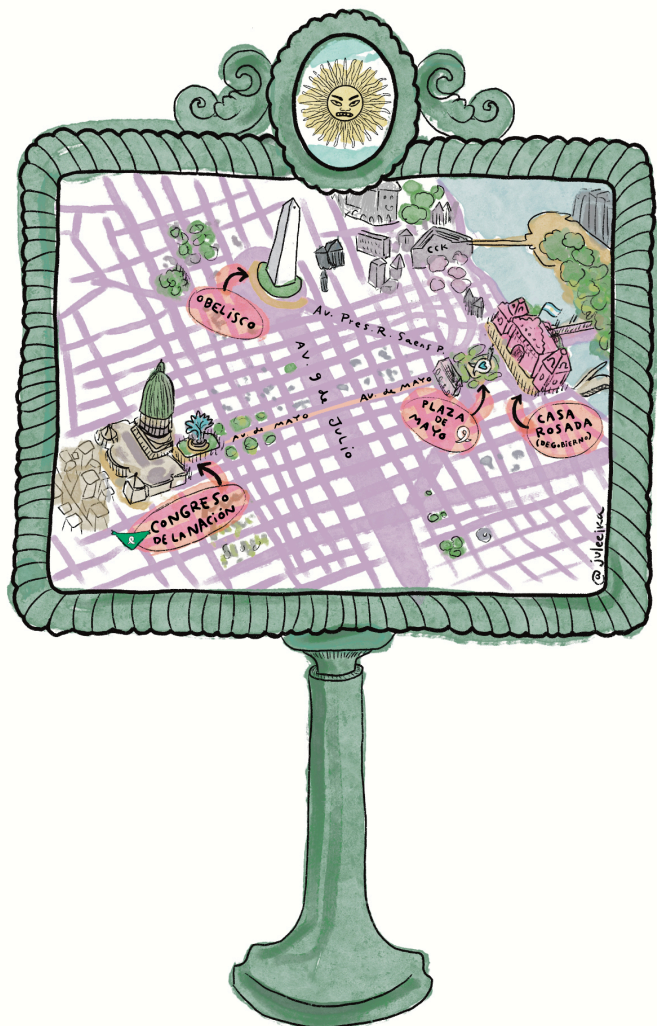
<sup>54</sup> N.O: Javier Trímboli foi um proeminente historiador, professor e escritor, formado em História na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Trímboli faleceu em 28 de janeiro de 2025, deixando um legado significativo na educação e na pesquisa histórica.

<sup>55</sup> N.O: Ari Lutzker é um artista argentino, faz parte do coletivo transfeminista e anticarcerário denominado 'Yo No Fui'.

<sup>56</sup> N.O: María Pía López é uma reconhecida socióloga, ensaísta e docente argentina.

<sup>57</sup> N.O: Biblioteca Popular El Resplendor, localizada no bairro Parque Chas em Buenos Aires, Argentina, é uma instituição centenária dedicada à promoção da leitura e um ponto de encontro comunitário. Funciona no clube barrial SABER.

segunda, Memória(s) e trabalho(s) com Fanny Seldes<sup>58</sup>, Georgina Orellano<sup>59</sup> e Mariposa Trash<sup>60</sup> na Gloria Gráfica<sup>61</sup>, uma gráfica recuperada; e a terceira, Acá estamos. Crítica, agitação e construção política transfeminista, com Malena Nijenson<sup>62</sup>, Javiera Manzi<sup>63</sup> e Marta Dillon<sup>64</sup> no Bar Caledonia<sup>65</sup>. Esses três exercícios pretendiam reunir trajetórias, (auto)críticas e posições distintas, buscando rearticular pouco a pouco uma linguagem política que consiga nos dizer algo.



<sup>58</sup> N.O: Fanny Seldes está envolvida em causas relacionadas à memória e aos direitos humanos, discutindo a importância de não esquecer os genocídios e as vítimas da ditadura na Argentina.

<sup>59</sup> N.O: Georgina Orellano é uma prostituta de rua, feminista e ativista pelos direitos das trabalhadoras sexuais. Em março de 2014, foi eleita Secretária Geral Nacional da Associação de Mulheres Meretrizes da Argentina.

<sup>60</sup> N.O: Mariposa Trash é formada por Ricardo Ache Bozzini, cantor de 74 anos, ex-militante da PJ nos anos 70, e Mariposa Trash, artista trans venezuelana de 24 anos.

<sup>61</sup> N.O: Gloria Gráfica é um centro de experimentação gráfica de Buenos Aires, Argentina, que explora editoriais, arte impressa e criação audiovisual.

<sup>62</sup> N.O: Malena Nijensohn é uma pesquisadora, docente e filósofa argentina, focada em estudos de gênero, feminismo e políticas públicas.

<sup>63</sup> N.O: Javiera Manzi é socióloga e arquivista formada pela Universidade do Chile, é militante da @coordinadorafeminista8m, movimento ativo no Chile que busca promover a igualdade de gênero e direitos das mulheres.

<sup>64</sup> N.O: Marta Dillon é jornalista e escritora, ativista lésbica feminista, integra os coletivos *Ni Una Menos*, Lohana Berkins e Emergentes. Editora do caderno feminista Las12 no jornal Pagina12.

<sup>65</sup> N.O: Bar e centro cultural no bairro de Barracas.

## MULTIDÃO

A Marcha do Orgulho Antifascista Antirracista LGBTQIAPN+ do dia 1º de fevereiro de 2025<sup>66</sup> foi um evento excepcional, uma das maiores manifestações que participei em toda a minha vida, semelhante em sua composição e magnitude às manifestações do movimento de direitos humanos nas últimas décadas (penso na marcha contra o indulto em 1989, confrontando o então presidente Menem, que indultou a cúpula militar condenada no Julgamento das Juntas de 1985, ou na marcha contra o 2 × 1 de 2017, que conseguiu desativar a tentativa da Suprema Corte, durante o governo de Macri, de reduzir pela metade as condenações dos genocidas condenados). De magnitude semelhante foram também as primeiras marchas e greves feministas convocadas pelo movimento *Ni Una Menos*<sup>67</sup> desde 3 de junho de 2015.

Fundamentalmente, sinto-me identificada com a marcha por sua transversalidade e pela participação de muitas pessoas não organizadas e também por sua proximidade temporal com as duas marchas universitárias que ocorreram em abril e outubro de 2024, quando o movimento estudantil saiu em defesa da universidade pública, subjugada pelo governo de Milei a ajustes orçamentários sufocantes e a um assédio ideológico ameaçador. Pode-se pensar que, juntamente com o 1º de fevereiro, essas quatro marchas formam uma sequência que compartilha não apenas a massividade e a horizontalidade em suas preparações e convocatórias, mas também o que pode ser considerado a proliferação de uma nova linguagem política, um modo de enunciação que se manifesta nos cartazes, cantos e palavras de ordem.

Em vez dos tradicionais cartazes padronizados e uniformizados dos sindicatos e partidos, foram confeccionadas à mão faixas singulares que, em sua proliferação e soma, apontam para uma nova força coletiva, tanto poética quanto política<sup>68</sup>. A Coluna Mostri e a Assembleia Antifascista Antirracista LGBTQIAPN+ são parte ativa e insolente dessa transformação da gramática das marchas: as propostas da subcomissão de ação gráfica da assembleia, que encarou a confecção de uma enorme bandeira de 14 metros de largura que pintamos coletiva e delicadamente na calçada do hospital de saúde mental Laura Bonaparte (ameaçado de fechamento pelo atual governo) com a ajuda de muitas mãos, experientes ou não; a confecção coletiva de cartazes e bandeiras com palavras de ordem como: *Vejeces - LGBTQIAPN+*<sup>69</sup> e *Jubilade que se organiza, no recibe más palizas* (Aposentade que se organiza). *no recibe más paliza* (não recebe mais surra)<sup>70</sup> - bandeira doada ao coletivo de idosos que se manifesta todas as quartas-feiras; *Argentina en llamas* (Argentina em chamas); *El racismo mata* (O racismo mata); *El castigo no educa* (O castigo não educa); *Ni une más en situación de calle* (Nem une mais em situação de rua); *Las niñeces trans existen y debemos protegerlas* (As infâncias trans existem e devemos protegê-las); *Por vidas que merecem ser vividas* (Por vidas que merecem ser vividas); *No es loco, es fascista* (Não é louco, é fascista); *Muchas minorías somos una hermosa mayoría* (Muitas minorias somos uma bela maioria); *Tu batalla cultural es exterminio* (Sua batalha cultural é extermínio); *Marikitas antifascistas* (Maricas antifascistas); *Aquí está la resistencia trans* (Aqui está a resistência trans); *Ministerio de la pavana* (Ministério da bobagem); *Si somos putas, si somos faloperas, somos lesbianas y colamos dedos* (Sim, somos putas, sim, somos drogados e cheiramos, somos lésbicas e

---

<sup>66</sup> N. T. Em outros momentos do texto a autora se refere ao 1º de fevereiro de 2025 como 1F. Optamos por sempre trazer de maneira extensa, como está aqui apresentado.

<sup>67</sup> N.T: Optou-se por deixar sempre por extenso *Ni una Menos*, pois a tradução será publicada em um contexto brasileiro feminista que se entende apenas o movimento por extenso sem uso de sigla, há aderência do contexto local para o movimento e sua palavra de ordem que algumas traduzem para Nem uma a menos.

<sup>68</sup> N.O: As manifestações brasileiras também deram essas mesmas pistas em algumas circunstâncias, como o Ele Não (contra Bolsonaro) e as manifestações sobre Mariele Franco.

<sup>69</sup> N.T: O envelhecimento da população LGBTQIAPN+ (vejeces) é um tema de crescente importância, evidenciando um grupo que enfrenta desafios únicos, frequentemente marcados por uma trajetória de superação de preconceitos e a busca por direitos básicos.

<sup>70</sup> N.T: não recebe mais surra/espancamento

enfiamos os dedos); *Sean eternos los derechos que supimos conseguir* (Que sejam eternos os direitos que soubemos conseguir - paráfrase do hino nacional argentino; e tantos outros; a preciosa bandeira que Desireé Du Val<sup>71</sup> (da subcomissão de ação gráfica), unindo pacientemente retalhos de tecidos amarelos, laranjas e rosas e depois recortando letras e formas para compor a frase *Tijera mata motosierra*<sup>72</sup> (tesoura mata a motosserra), proposta pela Frente Docente Disidente, que posiciona o erotismo lésbico contra a ameaça e os cortes impiedosos do governo, encarnados em sua obsessão por arrasar tudo.

Tesoura mata motosserra foi o tema central da intervenção mural que criamos para o dia da visibilidade lésbica, 7 de março, quando fizemos um grande colagem-adesivo em uma extensa parede em frente ao anfiteatro do Parque Lezama, colando papéis, cartões e azulejos nas arquibancadas do próprio anfiteatro. Nossa brigada vândala consistiu, nessa ocasião, em centenas de mãos cheias de cola acariciando a longa parede cinza até que nossa fúria e nossa poesia rugissem. Por que tantas lésbicas gritam?<sup>73</sup> Por que riem enquanto se sujam e se divertem até tarde da noite e voltam a rir ao ver aquele palimpsesto de cartazes feitos à mão? Um cadáver requintado na parede. “O mundo se achata porque você não o ama”, diz Diana Bellessi<sup>74</sup>, e nós amamos o mundo (redondo, sinuoso, incerto e surpreendente) e amamos a vida, amamos nossas existências lésbicas. Para o dia da visibilidade trans, 31 de março, voltamos ao mesmo muro e continuamos a ação gráfica para tornar a rua nossa, desta vez com o slogan Amor entre travestis e os rostos desenhados por Carrie Bencardino<sup>75</sup> de pessoas trans significativas em nossa comunidade. A polícia compareceu nas duas ocasiões, mas apelamos para o argumento aparentemente bastante convincente de que estávamos realizando uma intervenção artística na qual não estávamos danificando nem pintando o muro, apenas colando papéis com cola. A arte como senha, como proteção, como artifício.

### **Manifestar em cadeiras de rodas**

Algo chamativo do 1º de fevereiro de 2025 foi a ausência notável do enorme contingente policial comum nos protestos de rua. Surpreendentemente, foi uma manifestação em que não se viam policiais nem barreiras, como se as forças repressivas tivessem recuado ou desistido de disputar o controle das ruas diante da presença iminente de uma multidão tão grande. Como aponta a crônica no Página/12: “a rua foi uma festa popular, com o orgulho LGBTQIAPN+ no sangue, a manifestação derrubou os protocolos aplicados pela ministra Patricia Bullrich durante todo o ano de 2024” (Murillo, 2025). Desta vez, a reação de uma comunidade tão desacreditada quanto transversal – composta por pessoas LGBTQIAPN+, aposentadas, estudantes, professores, trabalhadores, pessoas desempregadas, migrantes, etc. – conseguiu reunir uma ampla solidariedade de muitos *paquis* (palavra interna que designa pessoas alheias à comunidade LGBTQIAPN+), pessoas que se

---

<sup>71</sup> N.O: Desireé Du Val é uma figura de destaque na cultura argentina que representa a luta pela igualdade e os direitos das mulheres, sendo uma voz ativa em várias causas sociais.

<sup>72</sup> N.O: A frase "Tijera mata motosierra" é um lema que simboliza a luta e resistência na comunidade LGBTQIAPN+. Faz referência ao empoderamento, onde a fragilidade (representada pela tesoura) supera a força opressora (representada pela motosserra). Esta expressão foi utilizada em intervenções artísticas e murais, destacando questões de identidade e luta social. Tesoura simboliza o prazer e a prática sexual entre duas mulheres. A tesourinha é uma posição sexual popular entre lésbicas, onde duas parceiras se entrelaçam, utilizando seus corpos para estimulação mútua, especialmente do clitóris. A expressão ganha ainda outra camada quando relacionada ao momento político atual, já que a motosserra é um símbolo utilizado por Milei para fazer sua campanha.

<sup>73</sup> N.A: Reescrita proposta por Salomé Wolosky a partir do poema de Susana Thénon ¿Por qué grita esa mujer? (Por que essa mulher grita?). Cf. THÉNON, Susana. *La morada imposible*. Buenos Aires: Corregidor, 2019.

<sup>74</sup> N. T: Com essa afirmação, Diana Bellessi inicia o documentário *El jardín secreto*. Cf. *El jardín secreto*. Direção: Cristián Costantini; Diego Panich; Claudia Prado, 2017. 1 vídeo (1:23:29), son., color. Disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=qV3-kFNEV20>]. Acesso em: 31 jan. 2026.

<sup>75</sup> N.O: Carrie Bencardino é uma artista visual argentina que explora a pintura e a performance e investiga discursos visuais presentes em diversas cenas culturais.

autoconvocaram espontaneamente, que foram com seus filhos e filhas, apesar do medo que vem se instalando de protestar nas ruas.

Nunca participei de uma manifestação que começasse tão pontualmente. Duas horas antes já estávamos nos reunindo e, faltando alguns minutos para as quatro (hora prevista para o início do protesto), a coluna já estava em movimento. Estávamos tão ansiosos para que isso acontecesse! Demoramos muito para chegar à Plaza de Mayo devido à quantidade de pessoas comuns, sem grupos organizados e a algumas colunas partidárias que interferiam no avanço da frente da manifestação pela Avenida de Mayo. O calor era sufocante, mas não importava: abanávamos entre si e coletivamente.

Não tenho uma visão geral do desenvolvimento da mobilização porque acompanhei nossa *zona disca mostri*<sup>76</sup> e fui encarregada de levar em cadeira de rodas a Fanny Seldes (militante feminista e sobrevivente da última ditadura, recém-operada do joelho após ser atropelada enquanto andava de bicicleta). Nessa zona, que acabou ficando no início da coluna, entre a bandeira e o cordão de segurança, também tinha a presença da escritora María Moreno<sup>77</sup>, mostri desde o início, que relata assim:

Lá estava eu, na minha cadeira de rodas pós-AVC, com a bateria bem carregada, as luzes acesas e em baixa velocidade para não atropelar ninguém, e acreditando ser uma parálitica subversiva<sup>78</sup>, uma Françoise d'Eubonne e seu bando de sapatas, travas e maricas que atacavam as instituições com salsichas no maio de 68 francês<sup>79</sup> (...). Eu não tinha inventado “a vida está em risco” ou “basta de fome, fome de basta”, mas poderia ter batizado a coluna de “mostri”, já que durante muito tempo esse foi meu apelido e sou megalomaniaca. (...) O círculo de cuidados, sensual, como de bacantes embriagadas, protegia duas cadeiras de rodas, a outra levava Fanny” (Moreno, 2025).

Mais manifestantes em cadeiras de rodas, algumas pessoas idosas e seus acompanhantes foram se juntando ao grupo. Quando nos encontramos casualmente com um grupo de pessoas cegas, convidamo-nas a se juntarem a nós. Assim relata sua experiência o escritor I Acevedo, que acabou caminhando nessa parte da manifestação acompanhando a tia lésbica de uma amiga:

As pessoas idosas e com cadeiras de rodas foram as primeiras a entrar na Praça de Maio em 1º de fevereiro de 2025, na Manifestação Antifascista e Antirracista LGBTQIAPN+, graças à comissão de segurança do protesto. [...] Vi quatro pessoas com cadeiras de rodas, e uma amiga me disse que María Moreno estava lá, que pôde participar do seu primeiro protesto depois de vários anos. Vi pessoas idosas com bengalas, que caminhavam vagarosamente e com dificuldade. Pessoas aposentadas que passavam com seus cartazes também foram convidadas a permanecer. Pao, Elena e eu começamos a caminhar sem saber como terminaríamos, se chegaríamos à praça ou não, porque não é fácil para uma pessoa idosa andar tantos quarteirões no calor e em meio a uma grande multidão, procurando sombra, parando para descansar. Para

<sup>76</sup> N.A: Assim chamamos a área de proteção na coluna Mostri destinada a pessoas com deficiência.

<sup>77</sup> N.T: María Cristina Forero, conhecida pelo pseudônimo de María Moreno, é uma escritora, jornalista e crítica cultural argentina.

<sup>78</sup> N.T: A escritora María Moreno faz referências a si mesma e a outras pessoas com deficiências utilizando termos pouco respeitosos. Em sua fala, entretanto, esses termos trazem um tom de burla, de apropriação do que normalmente é usado como ofensa, para se afirmar na luta e na diversidade.

<sup>79</sup> N.O: O Maio de 1968 na França é frequentemente recordado pelas barricadas estudantis e greves gerais. No entanto, o movimento foi um caldeirão de transformações que transcenderam a política tradicional, dando voz a novas lutas sociais. Neste contexto o pensamento feminista e ecológico moderno começou a se articular de forma mais radical, e uma figura central nessa articulação foi Françoise d'Eaubonne (1920-2005). Escritora, ativista e teórica, d'Eaubonne foi uma das primeiras a fazer a conexão explícita entre a dominação das mulheres e a exploração do planeta. Em 1974, ela cunhou o termo "ecofeminismo" em seu livro *Le Féminisme ou la Mort*, argumentando que o sistema patriarcal e capitalista que oprime as mulheres é também responsável pela destruição ambiental. Seu legado ecoa na atualidade, onde a interseccionalidade entre gênero e ecologia se tornou um eixo fundamental do pensamento crítico e do ativismo contemporâneo. Cf. FLORES, Bárbara; TREVIZAN, Salvador Dal Pozo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. In: Estudos Feministas, Florianópolis, n° 23, janeiro-abril/2015, p. 11-34.

nós, bastava estar lá e, de repente, graças ao cerco de cuidados, estávamos nos aproximando da Praça de Maio. [...] Nunca vivi nada parecido e duvido que tenha havido uma manifestação na história com tanto nível de justiça social, onde as últimas pessoas são as primeiras” (Acevedo, 2025).

Um momento emocionante foi vivido quando a coluna saudou as mães: “Madres de la Plaza, las travas las abrazan” (Mães da Praça, as travas abraçam vocês). Quando, duas horas depois, conseguimos chegar à Plaza de Mayo (Praça de Maio), éramos a frente da manifestação, a praça já estava lotada e não conseguimos entrar. Espontaneamente, a coluna improvisou um grito fora do seu repertório:

De repente, ouviu-se um canto poderoso “¡A-bran paso - llegaron las marikas!, A-bran paso - llegaron las marikas!” (‘A-bram caminho – chegaram as maricas!). Todos começamos a cantar e a multidão começou a se abrir. Fomos como um rio e, no extremo, quatro cadeiras de rodas tocaram a corda amarela da Praça de Maio” (Acevedo, 2025).

Avancei com Fanny e a cadeira de rodas até a grade da Casa Rosada. Quando nos viramos, a numerosa coluna da assembleia já se dispersara e se integrara à multidão heterogênea, e não cabia mais ninguém na praça. Mesmo assim, avisando que eu estava com alguém em cadeira de rodas, conseguimos seguir muito lentamente até o caminhão da Coluna Mostri e a festa ao redor. As pessoas abriam espaço para nós, elas nos ajudavam a descer ou subir o meio-fio da calçada, nos protegiam.

Ao lado do caminhão mostri, dançamos, cantamos e suamos nossos corpos desobedientes. Chegamos à rua Reconquista entre drags, ballroom e mais mostris subindo na fachada dos bancos, um com a cabeça rodeada de seringas ao estilo Lemebel<sup>80</sup>, outro com a língua longa e brincalhona; sentindo-nos felizes como feras.

Depois da marcha, quando eu estava indo exausta para o metrô, eles me chamaram gritando do caminhão e eu subi. A viagem foi delirante: um monte de mostris comendo empanadas, quando o gerador caiu no meio da avenida 9 de Julho e quase perdemos uma colega que pulou do caminhão para tentar proteger o equipamento alugado. Risco total, precariedade completa, felicidade transbordante. Chegamos uma hora depois a uma casa antiga em San Telmo, onde até pouco tempo atrás funcionava um teatro independente. Lá, desmontamos o caminhão, tirando toda a parafernália monstruosa: a enorme boca vermelha que Nereida costurou, os cartazes com palavras de ordem que pintamos quando estávamos ainda na calçada do hospital Bonaparte, as bandeirinhas com montanhas de gatinhos dizendo *Somos muchas y estamos organizades* (Somos muitas pessoas e estamos organizades) que Carrie desenhou e Lucía Bianchi serigrafou... No fundo do teatro vazio, notamos um jardim selvagem e uma piscina! Primeiro, colocamos os pés inchados pelo calor e pelo esforço, depois alguém se animou e mergulhamos com as roupas que estávamos usando (ou sem elas). A água estava fresquinha, uma delícia inesperada como ponto final dessa celebração improvisada.

## Renomear

---

<sup>80</sup> N.O: Pedro Lemebel (1952-2015) foi um dos mais importantes e transgressores artistas e escritores chilenos do final do século XX e início do XXI. Nascido em uma família pobre nos arredores de Santiago, sua obra se constituiu como um potente e singular cruzamento entre arte, política, memória e identidade marginal. Distanciando-se dos cânones da esquerda tradicional, Lemebel forjou uma voz única a partir de sua própria experiência como homossexual na ditadura de Pinochet e na transição democrática. Com Francisco Casas, formou o coletivo de performance "Las Yeguas del Apocalipsis" (1987-1997), que, por meio de ações públicas e intervenções urbanas, denunciou a violência política, a homofobia e as desigualdades sociais de forma corrosiva e poética. Cf. CARVAJAL, Fernanda. Injúria, animalidade e vergonha: políticas sexo-dissidentes em contextos de violência no cone sul. In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). Histórias da sexualidade: antologia. São Paulo: MASP, 2017, p. 340-346.

Durante a assembleia de 25 de janeiro, Pancho Casas<sup>81</sup>, membro, junto com Pedro Lemebel, do grupo *Las Yeguas del Apocalipsis* (As éguas do Apocalipse) surgido durante a ditadura de Pinochet (Carvajal, 2023), tomou a palavra e lançou a proposta de renomear o Parque Lezama como Néstor Perlongher<sup>82</sup>, em homenagem ao antropólogo e militante cofundador da Frente de Libertação Homossexual em 1971<sup>83</sup>; Perlongher frequentava esse parque com suas divagações poéticas e *queer*; na verdade, ele escreveu um livro de poemas intitulado Parque Lezama (1990)<sup>84</sup>.

Foi nesse mesmo parque que o Grupo de Acción Gay (Grupo de Ação Gay)<sup>85</sup>, juntamente com a recém-criada Comunidade Homossexual Argentina<sup>86</sup>, em 30 de junho de 1985 (Ferreyra, 2021), logo após o fim da última ditadura militar, organizou o Primeiro Encontro de Visibilidade Homossexual<sup>87</sup>, reivindicando o direito à liberdade sexual. Em uma das poucas fotos que existem daquele dia histórico, sob as mesmas árvores onde se reuniu a assembleia multitudinária de 25 de janeiro, vê-se uma bandeira carregada por apenas um punhado de ativistas gays e lésbicas, na qual se lê: “el sexo al gobierno, el placer al poder” (o sexo ao governo, o prazer ao poder). A reivindicação do sexo e da sexualidade como força política, como irrupção desobediente, como

---

<sup>81</sup> N.O: Francisco Casas (n. 1959) é um poeta, performer e artista visual chileno, reconhecido sobretudo por seu papel fundamental como cofundador, ao lado de Pedro Lemebel, do coletivo de arte "Las Yeguas del Apocalipsis" (1987-1997). Nascido em Santiago, Casas formou-se em Letras e desde cedo sua produção se orientou para uma poesia de caráter experimental e corporal, que explorava o homoerotismo e a crítica social. A parceria com Lemebel, no entanto, foi o motor de uma das intervenções artísticas mais radicais e duradouras do Chile pós-ditadura. Juntos, realizaram performances públicas e ações que utilizavam o corpo, a transgressão de gênero e uma estética kitsch-popular para atacar frontalmente a moral conservadora, a violência do regime militar e, posteriormente, os pactos de silêncio da transição democrática. Cf. CARVAJAL, Fernanda. Injúria, animalidade e vergonha: políticas sexo-dissidentes em contextos de violência no cone sul. In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). Histórias da sexualidade: antologia. São Paulo: MASP, 2017, p. 340-346.

<sup>82</sup> N.O: Néstor Perlongher (1949-1992) foi uma figura seminal na interseção entre literatura, ciências sociais e ativismo político na América Latina. Poeta, antropólogo e ativista, sua atuação foi fundamental para a visibilidade homossexual e discursiva durante períodos autoritários na Argentina e Brasil. Nos anos 70, durante a ditadura militar argentina, Perlongher co-fundou a Frente de Liberación Homosexual (FLH), um dos primeiros e mais importantes grupos de defesa dos direitos LGBT na América do Sul. Ele contribuiu significativamente com o documento "Sexo y Revolución", defendendo a união das lutas de disidências sexuais com as pautas feministas e sociais. Devido à perseguição política na Argentina, exilou-se no Brasil (1981-1992), onde construiu uma sólida carreira acadêmica. Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tornou-se um renomado antropólogo. Sua dissertação de mestrado resultou no livro *O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo* (1987), obra de referência que analisa as relações de poder e sexualidade no cenário da prostituição masculina. Cf. PISCITELLI, Adriana. “Silicone também é cultura”: comentários sobre o legado de Néstor Perlongher. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 66, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449202200660003>. Acesso em: 31 jan. 2026.

<sup>83</sup> N.O: *A Frente de Libertação Homossexual* (FLH) foi uma organização pioneira de ativismo LGBT na Argentina, ativa entre 1971 e 1976. Unindo grupos como o *Nuestro Mundo*, lutou contra a repressão policial e social, defendendo a visibilidade e liberdade sexual, com viés de esquerda, antes de ser dissolvida devido à brutal ditadura militar. Cf. INSAUSTI, Santiago Joaquín. Una historia del Frente de Liberación Homosexual y la izquierda en Argentina. *Revista Estudios Feministas, Florianópolis*, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: [<http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v27n2/1806-9584-ref-27-02-e54280.pdf>]. Acesso em: 31 de jan. 2026.

<sup>84</sup> N.O: Néstor Perlongher. *Parque Lezama*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1990.

<sup>85</sup> N.O: O *Grupo de Acción Gay* (GAG) foi um coletivo ativista LGBT pioneiro que operou em Buenos Aires, Argentina, entre 1983 e 1985. Fundado logo após o retorno da democracia ao país, o grupo teve um papel crucial na resistência à repressão policial contínua contra homossexuais durante o período de transição política. Cf. SECRETARÍA DE CULTURA. Historia de la Marcha del Orgullo en Argentina. Noviembre DE 2019. Disponível em: [https://www.cultura.gob.ar/orgullosos-de-la-diversidad-conoce-la-historia-de-la-marcha-del-orgullo-lgbtqi-en-argentina\\_6807/](https://www.cultura.gob.ar/orgullosos-de-la-diversidad-conoce-la-historia-de-la-marcha-del-orgullo-lgbtqi-en-argentina_6807/) Acesso: 02 de fev. 2026.

<sup>86</sup> N.O: Ver nota 22.

<sup>87</sup> N.O: O Primeiro Encontro de Visibilidade Homossexual na Argentina, reconhecido como a primeira Marcha do Orgulho Gay-Lésbico em Buenos Aires, ocorreu em 2 de julho de 1992. Foi um marco histórico na transição do ativismo fechado para a visibilidade pública, com o lema "Liberdade, Igualdade e Diversidade". Cf. GONÇALVES, Maria Eugênia. 'Faça-se Conhecer': A luta de Carlos Jáuregui pela visibilidade LGBTI+ na Argentina. *Revista Híbrida*, 12 maio 2021. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/historia-queer/carlos-jauregui-o-ativista-que-lutou-pelos-direitos-lgbti-na-argentina/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

desperdício insolente<sup>88</sup>.

A proposta de renomeação foi retomada pela subcomissão de ação gráfica da assembleia, que começou a imaginar uma série de ações poéticas e denúncias que produzissem alguma forma de justiça poética. No entanto, ela esbarrou na firme recusa da comissão antirracista, que argumentou que “mudar o nome do parque é nos invisibilizar (a população afrodescendente)”, aludindo ao fato de que ali teria sido localizado um cemitério da população escravizada e que havia pessoas da comunidade afro que ainda levavam as cinzas de seus mortos para aquele local. O nome atual do parque, que no século XIX era chamado de Quinta de los Ingleses, foi dado no início do século XX em homenagem a José Gregorio Lezama, um fazendeiro de Salta descendente de colonizadores, que construiu sua mansão nessas terras.

É estranho que se acabe defendendo, a partir de posições antirracistas, a permanência do nome daquele proprietário rico e branco. A comissão antirracista argumentou ainda que a proposta implicava trocar o nome de um branco pelo de outro branco. Perlongher, branco? Sim, além de ativista gay, militante de esquerda, pessoa que vive com AIDS, etc. Diante da dureza da diferença<sup>89</sup> colocada em debate no seio da assembleia, decidimos mudar a proposta e impulsionar, a partir da subcomissão gráfica, a renomeação pontual do anfiteatro ou de alguma outra área do parque. No mesmo sentido, na reunião seguinte, Casas<sup>90</sup> voltou a propor renomear a glorieta onde a assembleia começou a se reunir com o nome da escritora e cantora e compositora lésbica María Elena Walsh<sup>91</sup>. Desta vez, foi a comissão TTNB (Travesti Trans Não Binária)<sup>92</sup> que reagiu, argumentando que deveria ser considerada a homenagem a alguém representativo e querido por essa comunidade, como Lohana Berkins<sup>93</sup>, travesti originária, e não a alguém cis.

Uma dura lição sobre como a interseccionalidade<sup>94</sup> é exercida como condição de exclusão e não de articulação ou aliança, impondo uma hierarquia pretendida que a minha dor vale mais do que a de

---

<sup>88</sup> N.A: FERREYRA, Marcelo Ernesto. La organización de la Primera Marcha del Orgullo en Argentina. Moléculas Malucas, 5 nov. 2021. Disponível em: <https://www.moleculasmalucas.com/post/la-organizacion-de-la-primera-marcha-del-orgullo-en-argentina>. Acesso em: 2 fev. 2026.

<sup>89</sup> N.O: A construção política, em diversos momentos é direta, ela expõe que mesmo na luta as diferenças cognitivas e as desigualdades sociais não podem ser esquecidas.

<sup>90</sup> N.T: Referência a Francisco Casas. Ver nota 73.

<sup>91</sup> N.T: María Elena Walsh (1930–2011) foi uma renomada escritora, cantora, compositora, poetisa e dramaturga argentina, reconhecida por revolucionar a literatura infantil e a música popular no seu país. Seu legado para a cultura argentina mistura criatividade, compromisso social e, mais recentemente, o reconhecimento de sua identidade lésbica e feminismo vanguardista. Cf. NOGUEIRA, Isabel Porto; ZANATTA, Luciano de Souza. Limites, bordas e invenções: três cantautoras latinoamericanas em Lusque-fusque. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos [...]. Florianópolis, 2017. Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499484793\\_ARQUIVO\\_cantautoras\\_Modelo\\_Texto\\_completo\\_2.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499484793_ARQUIVO_cantautoras_Modelo_Texto_completo_2.pdf). Acesso em: 2 fev. 2026.

<sup>92</sup> N.T: A "Comissão Travesti Trans Não Binária" na Argentina — frequentemente relacionada com a Convocatória Federal Trans e Travesti Argentina e outros coletivos — é composta por um conjunto de articulações, movimentos sociais e ativistas que trabalham para garantir direitos e implementar políticas públicas voltadas para essa população. Cf. MONTOYA, Angeline. A comunidade trans na Argentina. In: Le Monde Diplomatique – Brasil. Fevereiro de 2026. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-comunidade-trans-na-argentina/>. Acesso: 2 de fev. 2026.

<sup>93</sup> N.O: Lohana Berkins (1965–2016) foi uma das maiores ativistas pelos direitos das pessoas trans e travestis na Argentina e na América Latina. Ela se autodefinia orgulhosamente como travesti, termo que ressignificou como uma identidade política de resistência. Cf. BERKINS, Lohana. Lohana Berkins – Travestida para Transgredir. Tradugindo, 9 mar. 2023. Entrevista concedida a Clarisa Palapot. Originalmente publicado em: Revista Socialismo o Barbarie, ano 1, n. 3, outubro de 2000. Disponível em: <https://tradugindo.com/2023/03/09/lohana-berkins-travestida-para-transgredir/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

<sup>94</sup> N.O: A pesquisadora Carla Akotirene, autora do livro “O que é interseccionalidade?”, da coleção Feminismos Plurais, define a interseccionalidade como uma “analítica” das feministas negras para alimentar a compreensão de opressões múltiplas. Além de Akotirene, contribuem para a discussão outras pesquisadoras como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Bárbara Carine Soares Pinheiro.

outra pessoa. Uma lição sobre nossa incapacidade de compor uma memória coletiva capaz de conter diferentes histórias e também diferentes usos atuais de um lugar, colocando em diálogo marcos históricos e compartilhando referências para dar espaço ao que diferentes coletividades subalternas têm em comum, em vez de continuar exaltando os supostos limites de sua identidade. O efeito concreto dessa discussão foi que desistimos de impulsionar essas propostas e a ação de renomear ficou no vazio.

## Luto e Festa

A memória festiva do ativismo LGBTQIAPN+ na Argentina, sua maneira alegre e desobediente de se tornar visível, não pode ser separada de uma história marcada pela violência extrema do terrorismo de Estado, sua disseminação na “sociedade concentracionária” (Calveiro, 1998) e a persistente dificuldade do luto (coletivo e íntimo) diante da ferida aberta e não resolvida que representa o desaparecimento como mecanismo sinistro e sistemático do genocídio consumado pela ditadura, e seu luto interminável.

Cecilia Sosa (2019) investigou a insistente determinação da filiação sanguínea das pessoas desaparecidas durante a última ditadura por parte das diferentes organizações que integram o movimento de direitos humanos na Argentina [*Madres y Abuelas de Plaza de Mayo* (Mãe e avós da Praça de Maio) H.I.J.O.S; *Familiares de detenidos y desaparecidos por razones políticas* (familiares de presos e desaparecidos por razões políticas), e recentemente Nietes (Netes)]<sup>95</sup>, caracterizando as tradições biologicistas e vitimizantes que alimentaram sua formação<sup>96</sup>.

No entanto, como ela mesma aponta, posições muito distintas se sobrepõem e coexistem, como a enunciada pela *Asociación Madres de Plaza de Mayo* ao propor uma socialização da maternidade [“*somos madres de los 30.000*” (somos mães dos 30.000) ou “*nuestros hijos nos parieron*” (nossos filhos nos deram à luz), dizia Hebe de Bonafini em repetidas ocasiões]<sup>97</sup>. Lá opera uma “inversão do ciclo biológico” (Sosa, 2019, p. 294), que pressupõe questionar uma maternidade reprodutiva,

---

<sup>95</sup> N.O: O movimento de direitos humanos na Argentina é um dos mais longevos e respeitados do mundo, formado por diversas organizações que resistiram à ditadura militar (1976-1983) e continuam lutando por "Memória, Verdade e Justiça": *Madres de Plaza de Mayo* (Mães da Praça de Maio) - Formada em 1977 por mulheres que buscavam seus filhos sequestrados/desaparecidos. Tornaram-se um símbolo mundial de resistência, realizando rondas semanais na Praça de Maio com lenços brancos; *Abuelas de Plaza de Mayo* (Avós da Praça de Maio) - Iniciaram-se a partir das Mães com o objetivo específico de localizar crianças (filhos de desaparecidos) apropriadas ilegalmente durante a ditadura. Já identificaram mais de 130 netos; *Familiares de Desaparecidos y Detenidos por Razones Políticas* (Familiares) - Organização pioneira que reúne parentes de vítimas, focada em denunciar os sequestros e exigir a apresentação com vida dos detidos; H.I.J.O.S. (Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio) - Formada na década de 1990 pelos filhos e filhas dos desaparecidos, introduzindo novas formas de protesto, como o escrache (denúncia pública) a repressores; *Nietes*: Organização mais recente, composta pelos netos e netas da geração desaparecida, que dão continuidade à luta dos seus avós e pais. Cf. IBERARCHIVOS. El origen de los organismos de derechos humanos en la Argentina. La historia de la resistencia a la dictadura a través de sus fuentes primarias. [S. l.], 28 set. 2020. Disponível em: <https://iberarchivos.org/proyecto/el-origen-de-los-organismos-de-dere-2008-009/>. Acesso em: 3 fev. 2026.

<sup>96</sup> N.O: Um ponto que surgiu entre as pesquisas sobre movimentos de direitos humanos na Argentina, especialmente as *Madres e Abuelas de la Plaza de Mayo*, diz da utilização em sua formação, de elementos biológicos, focados no laço de sangue e maternidade, e no papel de vítimas do Estado como formas de resistência legítima diante da violação dos direitos humanos fundamentais, destacando nesse processo a inocência das vítimas. A busca das *Madres e Abuelas de la Plaza de Mayo* caminhou para a compreensão social da identidade, utilizando um banco de dados genético como ferramenta de defesa de direitos humanos. Portanto, é crucial entender que as tradições biologicistas e vitimizantes referidas pela autora foram, em grande parte, uma estratégia política de sobrevivência e não uma limitação ideológica, transformando a dor privada em luta pública. Cf. TOLENTINO, Marcos. O movimento argentino pelos direitos humanos: um estado da questão (1985-2019). [S.l.], v. 31, n. 1, p. 166-195, 2021. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3846/3279>. Acesso em: 18 fev. 2026.

<sup>97</sup> N.O: Ver, por exemplo: Graciela Di Marco, Entrevista com Hebe de Bonafini (Associação Madres de Plaza de Mayo), disponível em: [https://unsam.edu.ar/escuelas/eh/centros/cedehu/material/\(36\)%20Entrevista%20Bonafini.pdf](https://unsam.edu.ar/escuelas/eh/centros/cedehu/material/(36)%20Entrevista%20Bonafini.pdf). Acesso em:

remontando uma linhagem alternativa de luto não normativo e até *queer* que se prolonga no movimento feminista, fundamentalmente quando ganha massa e radicalidade por volta do ano de 2015 com o nascimento do coletivo *Ni Una Menos*. Na convergência do legado pós-ditatorial e da violência patriarcal, Sosa encontra uma das estratégias mais hábeis desse movimento: “Legados cruzados que marcam a tradição da família ferida e as irrupções feministas permitem inscrever as formas de reparação afetiva [...] que dão lugar a encadeamentos inesperados” (Sosa, 2019, p. 309).

Essa genealogia entrelaçada entre as Madres de la Plaza de Mayo e o feminismo também pode ser rastreada em recursos criativos como o uso coletivo de lenços (os lenços brancos das Mães e os verdes da luta pelo direito ao aborto) como forma de se tornarem visíveis como sujeitos políticos nas ruas: “Uma aliança preciosa entre aquelas chamadas de ‘loucas da Praça’ e aquelas que se proclamam ‘netas das bruxas que não puderam queimar’” (Longoni, 2020, p. 74).

Desde 2015, aponta Sosa, o coletivo *Ni Una Menos* “ocupou o espaço público demonstrando uma vontade incomum de prazer e diversão que conferiu à resistência um tom comemorativo e até festivo” (Sosa, 2019, p. 308). A autora rastreia esse entrecruzamento em uma série de manifestações artísticas, entre elas a escrita de Marta Dillon — filha de uma militante desaparecida e fundadora da H.I.J.O.S — e particularmente seu livro *Aparecida*, no qual narra a descoberta dos restos mortais de sua mãe 35 anos após seu sequestro (Dillon, 2015). É possível viver “um funeral adiado como se fosse uma festa” (Sosa, 2019, p. 296)? Desse conjunto de produções emerge um potencial *queer* para pensar uma reinvenção afetiva da política, na qual o luto e o prazer se potencializam e convocam a irrupção da festa como rebeldia e desobediência. Na mesma linha, vale ressaltar que o grupo H.I.J.O.S, nascido em 1995, fez do componente festivo e carnavalesco uma característica distintiva de sua forma de ação política.

Marta Dillon<sup>98</sup> e María Pía López<sup>99</sup>, ambas fundadoras de *Ni Una Menos* e impulsionadoras da CRI<sup>100</sup> e da Coluna Mostri, escreveram recentemente um ensaio (auto)crítico corajoso ao completar dez anos do surgimento do *Ni Una Menos*. Além de reivindicar um conjunto de mudanças e movimentos sísmicos que a chamada maré verde provocou, alterando profundamente o mapa político argentino (e até internacional), elas também apontam como a onda punitiva e securitista que inundou o movimento feminista internacional afetou o *Ni Una Menos*<sup>101</sup>. Embora “o desafio e o esforço do coletivo *Ni Una Menos* tenham se concentrado em narrar publicamente a violência machista como chave de uma estrutura desigual e histórica, capaz de mascarar suas razões econômicas e políticas na suposta ‘naturalidade’ das relações familiares, na razão biológica dos corpos”, não foi possível escapar de “uma lógica de cancelamentos que pareciam encontrar nesse modo de punição a única reparação possível”, apontam Dillon e López (2025)<sup>102</sup>.

A virada punitiva que atravessou o movimento feminista, somada a posições transfóbicas e essencialistas sobre a condição feminina de um setor do feminismo, é um dos fatores que provocaram, nos últimos anos<sup>103</sup>, um distanciamento progressivo da comunidade LGBTQIAPN+ em relação às comemorações feministas massivas, especialmente as convocatórias anuais do 8M (8

---

<sup>98</sup> N.O: Ver nota 57.

<sup>99</sup> N.O: Ver nota 49.

<sup>100</sup> N.O: Ver nota 32.

<sup>101</sup> N.O: Em Teoria Política e Relações Internacionais, a securitização é o processo discursivo pelo qual um ator (um governo, uma instituição ou, neste caso, parte de um movimento social) apresenta uma questão pública — como a violência de gênero — não apenas como um problema político, mas como uma ameaça existencial que justifica a suspensão das regras normais da política e a adoção de medidas excepcionais.

<sup>102</sup> N.O: outras feministas também se colocam contrárias à lógica do cancelamento.

<sup>103</sup> N.O: a autora se refere às pessoas que se dizem feministas, porém são transfóbicas. Mesmo, essas pessoas existindo, o movimento feminista organizado (com encontros periódicos como o latino-americano e também os nacionais, como os que acontecem na Argentina) se posiciona pelo transfeminismo como parte de uma agenda interseccional.

de março) e do 3J (3 de junho)<sup>104</sup>. Não se pode ignorar esse antigo mal-estar para dimensionar a complexidade do deslocamento que implicou que o 8M de 2025, pouco mais de um mês após a marcha multitudinária do 1º de fevereiro, tenha sido coordenado pela assembleia antifascista e antirracista LGBTQIAPN+.

A centralidade que assumiu na vertiginosa dinâmica da assembleia a organização do 8M (8 de março), juntamente com sindicatos e partidos políticos que habitualmente participam dessa estrutura, provocou desconcerto, desconfiança e distanciamento. Chegou-se à manifestação do 8 de março em meio a um mar de tensões, que no dia seguinte eclodiram em uma retirada maciça de grande parte daqueles que haviam sustentado o movimento desde suas primeiras horas.

## **O FASCISMO DENTRO?<sup>105</sup>**

Após o 1º de fevereiro e até 8 de março de 2025, tornou-se cada vez mais evidente a tensão e a disputa de poder na assembleia, entre diferentes posições políticas, organizações e, acima de tudo: um personalismo muito agressivo e armado para a guerra em um processo agonizante de esvaziamento e burocratização. Não é que essas lógicas não existissem antes de 1º de fevereiro de 2025, inclusive algumas desde o primeiro minuto desse processo vertiginoso, mas o entusiasmo avassalador havia sido uma força motriz, com tudo de bom e ruim que isso implica. O processo das assembleias tornou-se tenso e hostil, e muita gente se afastou ou optou pelo silêncio diante da violência que começou a predominar nas trocas nas listas do WhatsApp, via cotidiana de comunicação da assembleia.

Os processos propulsores não são eternos. Apenas um mês e meio após seu início e tendo concretizado um evento político de massas como foi o 1º de fevereiro de 2025, a assembleia estava explodindo. No mal-estar crescente, cabe destacar o resto da verdade em certas críticas, sem deixar de notar a vontade oculta de militantes de algumas organizações de expulsar da assembleia membros visíveis da Coluna Mostri.

Essas críticas tinham a ver fundamentalmente com a suspeita da existência não explicitada de um pequeno grupo que tomava decisões de forma pouco transparente ou consensual, mantendo uma gestão do poder não horizontal. Cabe perguntar se teria sido possível que o 1º de fevereiro de 2025 acontecesse em apenas uma semana sem um grupo ativista que efetivamente assumiu a responsabilidade pela concretização da marcha 24 horas por dia e carregou com tarefas tão (in)gratas como obter autorizações junto às autoridades do Ministério da Segurança do Governo da Cidade, garantir questões logísticas como o som e o caminhão, prever critérios de segurança na marcha, divulgá-la nas redes sociais e à imprensa, divulgá-la em movimentos gráficos, conversar com setores da oposição política e organizações do movimento, LGBTQIAPN+ etc.

O erro foi – em nome de uma suposta horizontalização – não reconhecer abertamente perante toda a assembleia que esse grupo efetivamente existia, por extrema necessidade, de forma transitória e completamente imperativa. Porque em todo coletivo há papéis e funções distintas, o que não significa necessariamente concentração de poder. Nas acusações, esse pequeno grupo foi

---

<sup>104</sup> N.O: Desde 2015, o dia 3 de junho é o marco da primeira marcha maciça *Ni Una Menos* (Nem uma a menos) na Argentina, um movimento nacional contra o feminicídio e a violência de gênero que se espalhou por toda a América Latina. Essa data representa o basta das mulheres argentinas contra os assassinatos por razões de gênero, acumulando anos de marchas exigindo políticas públicas, proteção e mudança cultural. Cf. AGÊNCIA PÚBLICA. 'Ni una menos': Como o 3 de junho se tornou o dia de protesto contra o feminicídio. São Paulo, 3 jun. 2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/06/ni-una-menos-como-o-3-de-junho-se-tornou-o-dia-de-protesto-contr-o-femicidio/>.

Acesso em: 2 fev. 2026.

<sup>105</sup> N.O: autores como Foucault discutem o fascismo no cotidiano. Por ser o fascismo um fenômeno social (“uma força em busca de uma ideologia”, ver Luce Fabbri, 2019), ter uma vida não fascista, ou antifascista é uma postura prática, simbólica e cotidiana. Cf: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2009. – (Coleção Estudos Foucaultianos).

erroneamente identificado com o CRI e até mesmo apontado abertamente como o grupo de Marta Dillon, quando várias pessoas que não são do CRI (mas participam da Coluna Mostri) se empenharam dia e noite para que o 1º de fevereiro acontecesse.

Outro ponto de confronto teve a ver com a modalidade da assembleia: houve quem considerasse ofensivo, pouco sério ou *lumpen*<sup>106</sup> convocar uma ranchada<sup>107</sup>, roda de conversa ou trabalho em comissões em vez de uma assembleia convencional com lista de oradores. A forma de tomar decisões – por maioria na votação ou por construção de consensos – foi outro tema de forte dissensão. A estrutura ou diagrama interno da constituição da assembleia ocorreu vertiginosamente e pouco ponderada. Bastava que alguém propusesse a criação de uma determinada comissão ou manifestasse sua vontade de integrá-la para que isso acontecesse, gerando uma estrutura enorme e sobreposta, sem funções claras nem relação evidente entre as partes.

O erro mais grave, do meu ponto de vista, foi subordinar à coordenação ou articulação entre as diferentes comissões a uma subcomissão dentro da comissão de articulação política e logística, que reunia representantes de diferentes partidos, sindicatos e grupos diversos, com um interesse específico em participar da organização da marcha do 8 de março de 2025 junto com representantes das diferentes comissões e subcomissões, e também ao pequeno núcleo que garantiu questões logísticas, como arrecadar fundos para alugar equipamentos de som. Esse conglomerado com funções e dinâmicas tão diferentes entre si acabou atrapalhando a tomada de decisões cotidianas tão essenciais como convocar uma nova assembleia.

A confusão também foi agravada pela falta de distinção entre a Coluna Mostri e a Assembleia Antifascista Antirracista LGBTQIAPN+. Embora, como relatei, a Mostri tenha feito parte da primeira assembleia e assumido tarefas fundamentais para garantir que as decisões fossem concretizadas, a verdade é que, de repente, a Mostri pareceu dissolver-se na assembleia. A Mostri até cedeu à assembleia sua lista do WhatsApp e seu característico design (criado pela artista Sofi Finkel desde 2024)<sup>108</sup>.

Para mim, isso foi a prova de que as forças renovadas do fascismo (neofascismo, pós-fascismo ou como se queira chamar a extrema-direita que hoje ressurgem) não só assumem a forma de políticas de Estado e exacerbam paixões negativas de ódio e extermínio na sociedade, mas também se inoculam em nossas subjetividades, nossas práticas micropolíticas e nossos grupos, inoculando grandes doses de intolerância e um crescente punitivismo diante da diferença e da dissidência dentro dos movimentos sociais, minando a confiança e a unidade.

Podemos chamar essas práticas políticas de franca hostilidade e intolerância dentro de nossos movimentos e grupalidades de “fascismo interno”<sup>109</sup> ou talvez seja mais preciso, como me propôs Marilé Di Filippo<sup>110</sup>, “fascismo de baixo”, em analogia com o que Verónica Gago<sup>111</sup> (2015)

---

<sup>106</sup> N.O: O termo *lumpen* (do alemão *Lump*, que significa “trapo” ou “farrapo”) é usado na sociologia e no marxismo para descrever a camada mais marginalizada da sociedade. No pensamento de Karl Marx, esse grupo era visto com desconfiança por ser facilmente manipulável por forças reacionárias (como elites ou ditadores) em troca de pequenos benefícios imediatos, já no anarquismo o *lumpen* é considerado uma potência de luta.

<sup>107</sup> N.T: Ranchada na Argentina se refere a uma reunião de pessoas, geralmente com comida “a la canasta”, como um piquenque.

<sup>108</sup> N.O: Os contextos de construção sempre tem confluência de muitas ideias, já que a prática horizontal não demanda um lugar de chefia. O processo do conflito é uma prática que deve ser pensada para a construção de dispositivos de reivindicação e justiça social.

<sup>109</sup> N.O: Cf: FABBRI, Luce. Fascismo: definição e história. Trad. Fernanda Grigolin; Rodrigo Millán; Aquela Mulher do Canto Esquerdo do quadro. São Paulo: Tenda de Livros, Publication Studio São Paulo, 2019; Montevideo: microutopias, 2019.

<sup>110</sup> N.A: Foi no intercâmbio na mesa Arte e política, durante as XIII Jornadas de Debates Atuais da Teoria Política Contemporânea, realizadas na Universidade Nacional de Lanús (Buenos Aires), em 9 de agosto de 2025.

<sup>111</sup> N.O: Verónica Gago (nascida em 1976) é uma renomada acadêmica, pesquisadora e ativista feminista argentina, doutora em Ciências Sociais. É professora na Universidade de Buenos Aires (UBA) e UNSAM, além de pesquisadora

caracterizou como “neoliberalismo de baixo”?

Pode-se argumentar que essa deriva não é novidade, sendo o corolário dos processos de auto-organização em assembleias populares, clubes de troca, fábricas recuperadas após a partir da crise de dezembro de 2001 (Richard et al., 2024), detonados internamente por disputas ferozes entre diferentes organizações de esquerda entre si e/ou com o peronismo para monopolizar o controle dessas formas nascentes de protagonismo social. É verdade que não é novidade, mas talvez seja mais grave a repetição diante da magnitude e da gravidade dos danos que estamos vivendo, quando a vida, tantas vidas estão em risco, em meio a este inverno sangrento<sup>112</sup>.

## Referências:

ACEVEDO, I. Ver a justiça acontecer em uma marcha. Revista Adynata, 1 mar. 2025. Disponível em: <https://www.revistaadynata.com/post/ver-a-justica-sucedem-uma-marcha---i-acevedo>.

Acesso em: [inserir data de acesso].

ARBOR. Vol. 201, 814, jan.-jun. 2025, 3065. ISSN-L: 0210-1963. <https://doi.org/10.3989/arbor.2025.814.3065>.

CALVEIRO, Pilar. *Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina*. Buenos Aires: Colihue, 1998.

CARVAJAL, Fernanda. *A convulsão coliza: Yeguas do Apocalipse (1987-1997)*. Santiago do Chile: Metales Pesados, 2023.

CUELLO, Nicolás; LANG, Silvio. Marchar a contramano. Anfibia, 31 jan. 2025. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/marchar-a-contramano/>. Acesso em: [inserir data de acesso].

DILLON, Marta. *Aparecida*. Buenos Aires: Penguin, 2015.

DILLON, Marta; LÓPEZ, María Pía. Não vamos nos abandonar agora. Anfibia, [s.d.], 2025. Disponível em:

<https://www.revistaanfibia.com/3j-ni-uma-menos-dez-anos-nao-nos-vamos-a-abandonar-agora/>.

Acesso em: [inserir data de acesso].

FERREYRA, Marcelo Ernesto. A organização da Primeira Marcha do Orgulho na Argentina. In: RED FEMINISTA ANTICARCELARIA DE AMÉRICA LATINA. Rumo a uma definição coletiva de punitivismo, Parlamento de Ladrões e Desviados. In: EYO NO FUI. Justiças alternativas. Buenos Aires: Trem em Movimento, 2025. p. [indicar página]. Disponível em: [inserir URL, se houver]. Acesso em: [inserir data de acesso].

Fue en el intercambio dentro de la mesa Arte y política, dentro de las XIII Jornadas de Debates Actuales de la Teoría Política Contemporáneas celebradas en la Universidad Nacional de Lanús (Buenos Aires), el 9 de agosto de 2025. In: ARBOR. Vol. 201, 814, jan.-jun. 2025, 3065.

---

do CONICET, destacando-se por seus estudos sobre neoliberalismo, economia popular e feminismo. Integra o coletivo *Ni Una Menos* e é autora de obras cruciais como *A Potência Feminista*, publicado no Brasil pela Editora Elefante em 2020.

<sup>112</sup> N.O: Fevereiro de 2026 (pós-escrito) Em fevereiro de 2026, os argentinos saíram às ruas na segunda Marcha contra o governo de Milei e o ajuste econômico, os discursos de ódio e a violência institucional, e para defender os direitos LGBTQIAPN+, migrantes, afrodescendentes e indígenas. Desta vez, a convocatória não teve a mesma força do ano passado. O que aconteceu? A escritora e ensaísta Ana Longoni propõe três hipóteses para entender o que mudou entre a primeira e a segunda marcha antifascista. Leia em espanhol aqui: <https://latfem.org/entre-el-1f-y-el-7f-donde-estamos/>

- GAGO, Verônica. A razão neoliberal. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- GARCÍA, Luis Ignacio. Guerra civil mental: crônicas da aceleração no laboratório argentino. Buenos Aires: Caixa Negra, [no prelo]. [Obs.: para obras no prelo, conforme a ABNT, indicar a previsão de publicação se disponível].
- JACOBY, Roberto. Cultura subversiva: um manifesto. Do Di Tella a Tucumán Arde. Buenos Aires: O Céu por Assalto, 1969.
- JACOBY, Roberto. O desejo nasce do desmoronamento. Madrid: La Central, 2011.
- LONGONI, Ana. Sobre: uma anti-revista no ano do Cordobazo. Revista Causas e Azares, n. 2, p. 136-143, 1995.
- LONGONI, Ana. Lenços: de como as Mães se tornaram feministas e as feministas encontraram mães. Carta(s) Tempos incompletos. Madrid: Museo Reina Sofía, 2020.
- LONGONI, Ana; MESTMAN, Mariano. Do Di Tella a Tucumán Arde. Buenos Aires: O Céu por Assalto, 2000.
- MORENO, María. Diário de marchas. Página 12, 23 mar. 2025. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/812752-diario-de-marchas>. Acesso em: [inserir data de acesso].
- MURILLO, Euge. Uma marcha inesquecível que marca uma ruptura. Página 12, 2 fev. 2025. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/801048-uma-marcha-inesquecivel-que-marca-uma-ruptura>. Acesso em: [inserir data de acesso].
- PERLONGHER, Néstor. Parque Lezama. Buenos Aires: Sudamericana, 1990.
- RED FEMINISTA ANTICARCELARIA DE AMÉRICA LATINA. Rumo a uma definição coletiva de punitivismo, Parlamento de Ladrões e Desviadxs. In: EYO NO FUI. Justiça alternativas. In: Trem em Movimento. Buenos Aires: Trem em Movimento, 2025. p. [indicar página]. Disponível em: [inserir URL, se houver]. Acesso em: [inserir data de acesso].
- REDCSUR. Perder a forma humana: uma imagem sísmica dos anos oitenta latino-americanos. Madrid: Museo Reina Sofía, 2012.
- RICHARD, Nelly et al. 2001: O Futuro Atrás. Desejos/ Fracassos/ Derivas/ Saques. Buenos Aires: Trem em Movimento, 2024.
- ROUSSEAUX, Fabiana. Sonhos e testemunhos. Buenos Aires: La Cebra, 2024.
- SOSA, Cecilia. Fertilizações afetivas e mais-valia festiva na Argentina pós-2015. Luto, feminicídio e uma Pátria queer. In: SEOANE, Mariano López (org.). Os mil pequenos sexos: intervenções críticas sobre políticas de gênero e sexualidades. Buenos Aires: EDUNTREF, 2019.

